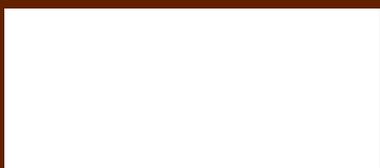
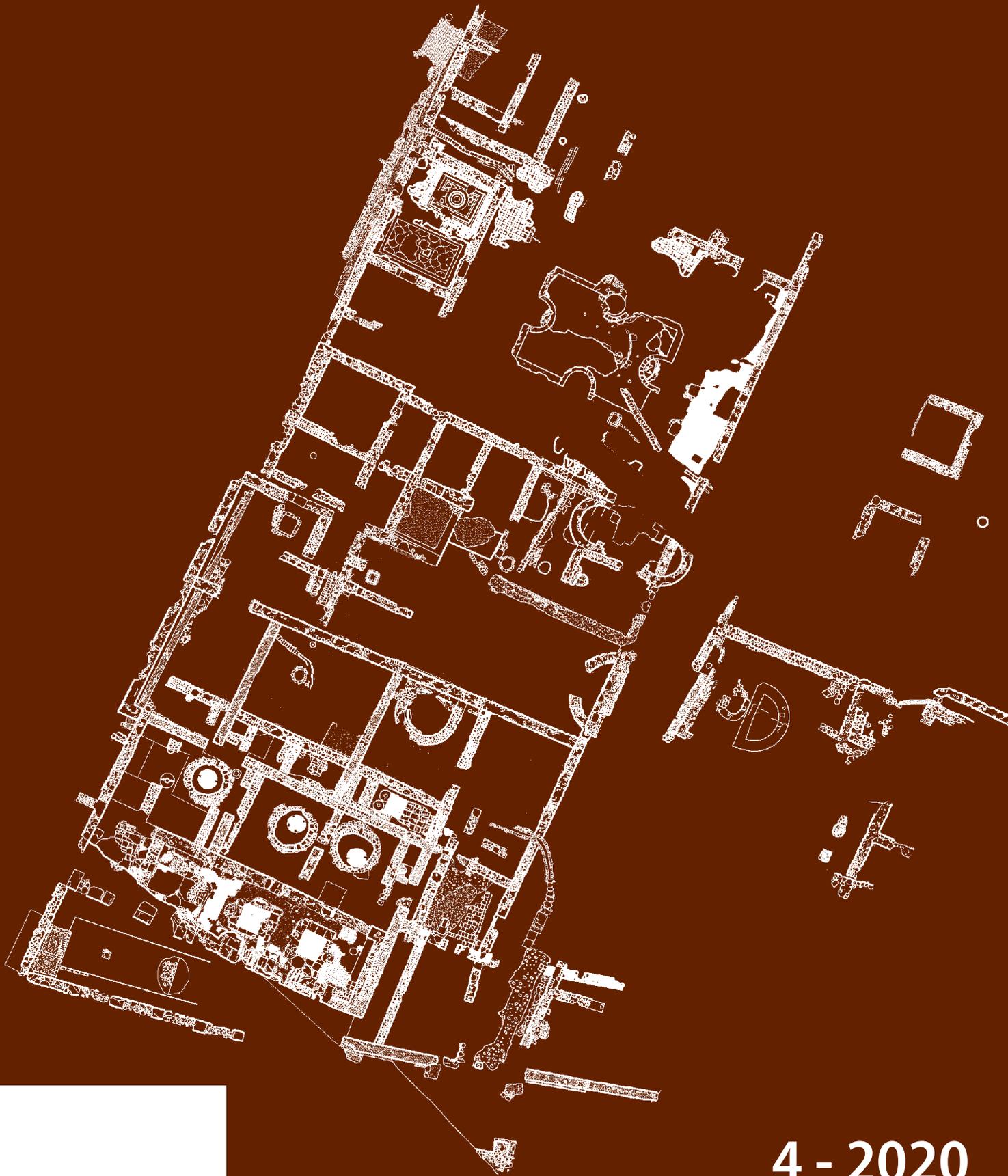


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



4 - 2020

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 4 - 2020

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

Grégor Marchand

CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA)

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Victor S. Gonçalves

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO

André Pereira

CAPA

Julia Rodríguez Aguilera

(Gespada al Andalus)

REVISOR DE ESTILO

Francisco B. Gomes

PAGINAÇÃO

TVM Designers

IMPRESSÃO

AGIR – Produções Gráficas

DATA DE IMPRESSÃO

Dezembro de 2020

EDIÇÃO IMPRESSA (PRETO E BRANCO)

300 exemplares

EDIÇÃO DIGITAL (A CORES)www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

Copyright © 2020, os autores

EDIÇÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia

da Universidade de Lisboa,

Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 Lisboa.

www.uniarq.netwww.ophiussa.lettras.ulisboa.ptuniarq@lettras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00698/2020.

ÍNDICE

The megalithic clusters of Deserto and Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo, Middle Alentejo) in the building of the sacred landscapes of ancient peasant societies of the 4 th and 3 rd millennia BCE VICTOR S. GONÇALVES, MARCO ANTÓNIO ANDRADE	05
<i>From aDNA to Archaeology: Genética da transição Calcolítico-Idade do Bronze no Sul de Portugal</i> ANA CATARINA BASÍLIO	31
Foundry in the Late Bronze Age Baiões/Santa Luzia Cultural Group: some reflections starting from a new metallic mould for unifacial palstaves JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, PEDRO VALÉRIO, MARIA HELENA CASIMIRO, LUÍS M. FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, HORÁCIO PEIXOTO	51
O conjunto vítreo da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafirim (Lagos) FRANCISCO B. GOMES	71
Espacios de almacenamiento y producción de la Turdetania. Una reflexión más allá de los hornos VIOLETA MORENO MEGÍAS	117
Os três sarcófagos etruscos da coleção de Sir Francis Cook no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra) MARTA RIBEIRO, NUNO SIMÕES RODRIGUES	143
Nuevos datos para el conocimiento del <i>suburbium</i> del <i>Municipum Florentinum Iliberritanum</i> (Granada): las recientes intervenciones en el solar de Mondragones ÁNGEL RODRÍGUEZ AGUILERA, MACARENA BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, JULIA RODRÍGUEZ AGUILERA, CARMEN JÓDAR HÓDAR, JOSÉ M. GARCÍA-CONSUEGRA FLORES	163
Mapear a bibliografia. Abordagem metodológica para a gestão de dados bibliográficos NATÁLIA BOTICA, SÍLVIA MACIEL, REBECA BLANCO-ROTEA	187
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JORGE DEL REGUERO GONZÁLEZ, LUIS MIGUEL CARRANZA PECO, MARTA BERMÚDEZ CORDERO, ÁLVARO GÓMEZ PEÑA, ANDRÉ TEXUGO)	197
Da CAALG à UNIARQ: a génese do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa no quadro do sistema científico de meados dos anos 70 a meados dos anos 90 do século XX ANDRÉ PEREIRA	216
Avaliadores <i>Ophiussa</i> (2018-2020)	246
Política editorial	247

O conjunto vítreo da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos)

The glass assemblage from the Early Iron Age necropolis of Fonte Velha de Bensafrim (Lagos)

FRANCISCO B. GOMES

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
Fundação para a Ciência e Tecnologia
franciscojbgomes@gmail.com
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0664-6374>

RESUMO: O conjunto de contas de vidro da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos), parcialmente conhecido desde o final do século XIX, permanece um dos mais numerosos do Sudoeste peninsular, englobando quase três centenas de exemplares individuais. Estas peças repartem-se por diversos grupos formais e variantes cromáticas e decorativas, constituindo uma amostra representativa do repertório regional deste tipo de elementos. No entanto, se é certo que os tipos mais habituais nos sítios coevos estão muito bem representados no conjunto, documentam-se igualmente outras variantes menos comuns que, além de enriquecerem o panorama disponível, permitem também discutir a existência de circuitos de abastecimento regionais que estabelecem uma conexão entre a necrópole e outros sítios próximos, quer algarvios quer alentejanos.

PALAVRAS-CHAVE: Vidro pré-romano; elementos de adorno; contas de colar; práticas funerárias; consumo.

ABSTRACT: The assemblage of glass beads from the Early Iron Age necropolis of Fonte Velha de Bensafrim, partially known since the late 19th century, remains one of the largest in the southwestern Iberian Peninsula, with nearly three hundred individual pieces. These can be grouped into various formal groups and chromatic or decorative variants, which can be considered representative of the regional glass bead repertoire. Nonetheless, and while the most common types documented in contemporary sites are indeed well represented in this assemblage, other, less common variants are also present which, beyond enriching the available panorama, allow for a discussion of possible regional supply circuits connecting this necropolis with other neighbouring sites, both in Algarve and in Alentejo.

KEY WORDS: Pre-Roman glass; adornment elements; necklace beads; funerary practices; consumption.

1. A NECRÓPOLE DA I IDADE DO FERRO DA FONTE VELHA DE BENSFRIM

1.1. A história da investigação: uma breve introdução

A necrópole da Fonte Velha de Bensafrim¹ (Bensafrim, Lagos) (Fig. 1) ocupa um lugar destacado na historiografia arqueológica portuguesa em geral, e na história da investigação sobre a Idade do Ferro no Sul de Portugal em particular. Tal facto deve-se, em grande medida, à sua precoce identificação e escavação, da responsabilidade de S. Estácio da Veiga, que deu conta dos trabalhos por si realizados no sítio algarvio nas páginas das suas seminais *Antiguidades Monumentais do Algarve* (Veiga 2005 [1891]).

As intervenções de Estácio da Veiga permitiram-lhe identificar a existência na FVB de duas necrópoles sobrepostas: uma necrópole de inumação em cista que reconheceu como pertencendo à Idade do Ferro, à qual esta contribuição diz respeito (v. *infra*), e uma necrópole de incineração, já de cronologia romana (v. Pereira 2018: 414-429).

Na sequência da extensa intervenção realizada pelo pioneiro arqueólogo balsense, a necrópole haveria de captar igualmente o interesse de A. dos Santos Rocha, que lhe dedicaria especial atenção no contexto das suas “explorações” em território algarvio, destinadas a completar as colecções do Museu da Figueira (Pereira 1997; Arruda – Pereira 2012).

O investigador figueirense realizou, com efeito, novos e extensos trabalhos de campo na FVB em 1895, identificando novos contextos funerários pré-romanos, descritos com relativo detalhe em trabalho dado à estampa logo em 1896 (Rocha 1975 [1896]), bem como outros pertencentes à necrópole romana (Rocha 1895; v. tb. Pereira 2018: 414-429). O mesmo investigador publicaria ainda, em 1904, uma breve notícia relativa ao achado do conhecido botão de ouro descoberto de forma casual na área da necrópole pelo prior A. J. Nunes da Glória (Rocha 1904).

Apesar do inegável interesse das realidades documentadas por estes dois pioneiros da Arqueologia algarvia (v. *infra*), nas décadas seguintes a necrópole da FVB não foi objecto de novas intervenções ou estudos. Já na década de 1930, contudo, o fundador do Museu

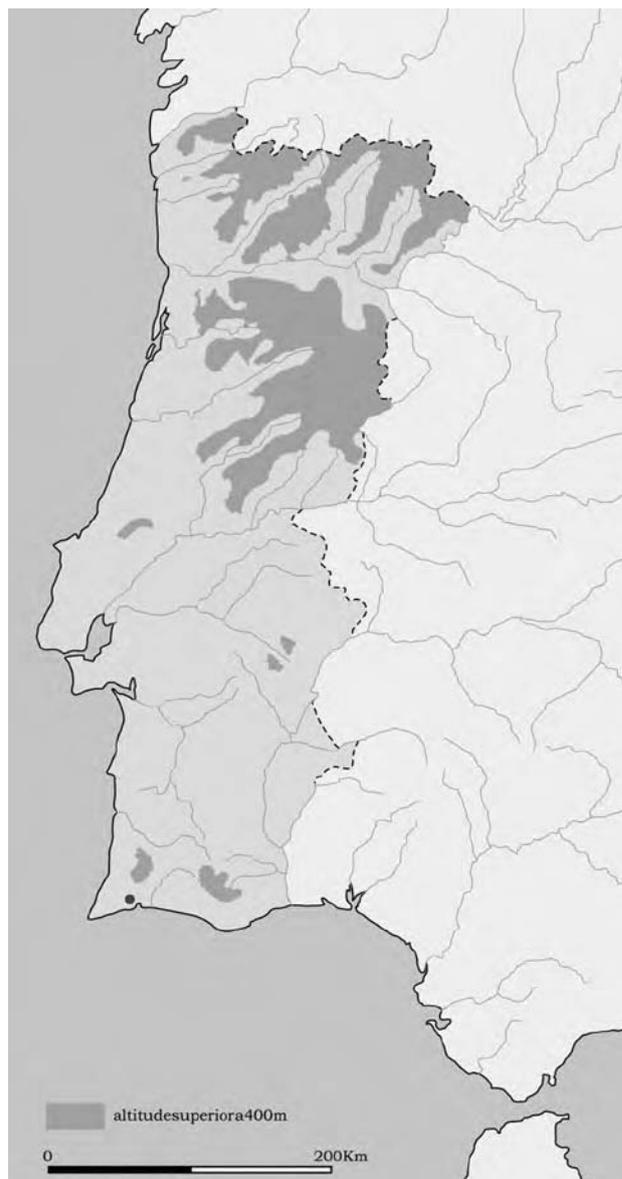


FIG. 1 Localização da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) (base cartográfica de Victor S. Gonçalves).

de Lagos, J. Formosinho, realizou novas explorações no entorno da FVB, concretamente nas áreas designadas Cerca do Álamo (em 1933) e Monte do Cágado (em 1934) (Viana – Formosinho – Ferreira 1953: 2-4), onde contudo parece ter identificado sobretudo contextos já de Época Romana (*ibidem*; v. tb. Pereira 2018: 430-431).

Após estas intervenções pontuais e a sua publicação, a necrópole da FVB foi novamente legada a um relativo esquecimento, tendo-se inclusivamente perdido a memória da sua localização exacta, indicada apenas de forma muito aproximada pelos responsáveis das intervenções ali realizadas (v. Veiga 2005 [1891]: 250). De igual forma, os espólios recolhidos nas

¹ De aqui em diante abreviada como FVB.

intervenções já citadas não foram objecto de estudo ou revisão, lacuna que só muito recentemente foi suprida para o material romano (Pereira 2018: 414-429) mas que continua a sentir-se no que ao horizonte da I Idade do Ferro diz respeito.

Ainda assim, caberia assinalar que, no contexto da reactivação da investigação sobre a I Idade do Ferro no Sul de Portugal operada nas últimas décadas do século XX, a FVB mereceu a atenção de diversos investigadores (p. ex., Beirão 1986: 34-38; Correia 1997; Arruda 1999-2000: 27; v. tb. Parreira – Barros 2007), destacando-se o trabalho dedicado por V. H. Correia ao significativo conjunto epigráfico pré-romano recolhido na necrópole (Correia 1995-1997). Contudo, no que ao estudo da cultura material diz respeito, haveria apenas a assinalar dois estudos recentes dedicados ao já citado disco de ouro (Gomes 2010-2011; Vilaça – Armbruster 2012), permanecendo o restante conjunto por reavaliar, tarefa para a qual o presente estudo pretende contribuir.

1.2. O conjunto funerário da I Idade do Ferro: estruturas, rituais e cultura material

Apesar da limitada atenção dedicada à FVB e do facto de a mesma não ter sido objecto de trabalhos de campo recentes, os dados veiculados pelos responsáveis das intervenções ali realizadas nos finais do século XIX permitem restituir com alguma precisão as estruturas e as práticas funerárias documentadas nesta necrópole.

As primeiras intervenções, levadas a cabo por Estácio da Veiga, saldaram-se na identificação de 17 sepulturas de inumação correspondentes a cistas líticas com características marcadamente homogéneas (Veiga 2005 [1891]: 252 e Est. XXVII). Todas estas estruturas apresentam uma configuração rectangular, sendo formadas por lajes de grés vermelho (Veiga 2005 [1891]: 252).

Os dados e a planimetria dados a conhecer por Estácio da Veiga permitem igualmente entrever a orientação das sepulturas que escavou e a organização interna do espaço funerário. Com efeito, todas as sepulturas escavadas nesta primeira etapa dos trabalhos apresentam orientações uniformes, NNW-SSE, dispondo-se em alinhamentos relativamente ordenados, ainda que por vezes espaçados (Veiga 2005 [1891]: 252 e Est. XXVII).

Posteriormente, A. Santos Rocha identificaria e escavaria 16 sepulturas (14 num primeiro momento, uma das quais identificada mas não escavada por Estácio da Veiga, e duas adicionais na segunda fase dos seus trabalhos), igualmente correspondentes a inumações em cista (Rocha 1975 [1896]), embora nestas campanhas se tenha identificado um panorama algo mais heterogéneo do ponto de vista das arquitecturas sepulcrais.

Com efeito, Santos Rocha dá conta da existência na área por si escavada de seis sepulturas rectangulares, similares às descritas por Estácio da Veiga, mas também de oito sepulturas de planta trapezoidal, bem como de duas estruturas com plantas aparentemente anómalas, a saber, uma sepultura de feição triangular e outra de configuração semicircular (Rocha 1975 [1896]: 129).

Em termos gerais, as técnicas construtivas empregues na realização destas sepulturas parecem ter sido idênticas às que se documentaram durante as primeiras intervenções no sítio, com a excepção de dois casos: uma das sepulturas quadrangulares apresentava, com efeito, um dos seus lados realizados em alvenaria, técnica igualmente empregue na construção da totalidade da sepultura semicircular antes citada (*idem*: 130). Segundo o mesmo investigador, cinco das sepulturas que escavou encontravam-se ainda cobertas por lajes colocadas horizontalmente, não conservando as restantes qualquer estrutura de cobertura, apesar do bom estado de conservação de cinco delas (*ibidem*).

A maioria das estruturas funerárias escavadas por Santos Rocha (onze sepulturas) apresenta uma orientação similar às das suas congéneres anteriormente documentadas, apresentando o seu eixo maior um alinhamento NNW-SSE. Contudo, durante estas intervenções registaram-se também excepções a esta norma, nomeadamente uma sepultura com orientação SSW-NNE (*idem*: 129). As intervenções realizadas pelo arqueólogo figueirense permitiram igualmente, uma vez mais, documentar a disposição relativamente ordenada das sepulturas, seguindo *grosso modo* a mesma organização alinhada já documentada por Estácio da Veiga, ainda que nesta área a disposição das estruturas sepulcrais seja mais dispersa e menos regular (v. Correia 1995-1997: Figs. 1-2).

A análise combinada da distribuição das sepulturas escavadas por ambos os investigadores (*ibidem*)

(Fig. 2) permite ainda observar a existência de uma ampla área aberta, sem estruturas, situada *grosso modo* no centro da necrópole. Embora a ausência de sepulturas nesta zona possa decorrer de factores pós-deposicionais, é também possível que esta área constituísse efectivamente um espaço aberto, porventura destinado à celebração dos ritos e exéquias funerários.

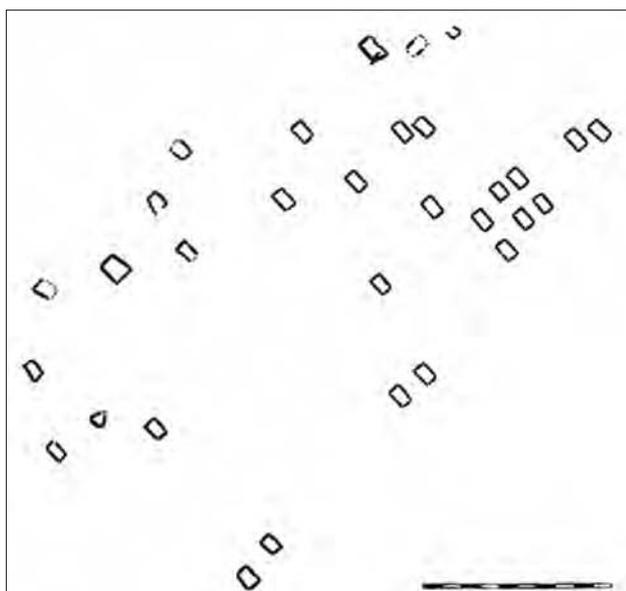


FIG. 2 Planta da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) (seg. Correia 1995-1997).

Santos Rocha pôde ainda documentar a existência de sepulturas aparentemente violadas durante a Antiguidade, nomeadamente em Época Romana, verificando-se mesmo o aparente reaproveitamento de uma cista sidérica como receptáculo para uma cremação desse período (Rocha 1975 [1896]: 131). Essas violações poderão contribuir para explicar, em parte, mas não por completo, a modéstia dos espólios exumados na FVB.

Quanto ao ritual funerário, ambos os investigadores coincidem quanto ao uso exclusivo da inumação como forma de tratamento do cadáver no horizonte pré-romano da necrópole. Infelizmente, Estácio da Veiga não proporciona dados concretos sobre a natureza e posição dos restos antropológicos documentados nas sepulturas por si escavadas, de forma que a restituição da disposição do cadáver depende em grande medida dos testemunhos de Santos Rocha (*idem*: 133).

Este investigador observou, com efeito, que a quase totalidade das sepulturas por si escavadas

continha inumações individuais, salvo no caso de uma única sepultura que albergava um enterramento duplo (*ibidem*). Segundo a sua descrição, os cadáveres parecem ter-se depositado em decúbito lateral e em posição flectida; a sua observação de que «...os ossos (...) estavam aglomerados para o lado de ESE...» (*ibidem*) permite pensar que os defuntos se sepultariam com a cabeça orientada a Su-sudeste. A excepção seria a já mencionada sepultura com orientação excêntrica, na qual os restos humanos parecem ter surgido aglomerados na extremidade NNE (*ibidem*).

Finalmente, no que à cultura material diz respeito, a impressão deixada pelas descrições publicadas por Estácio da Veiga e Santos Rocha é a de um panorama monótono e comparativamente modesto. Com excepção dos abundantes elementos de adorno de vidro, que adiante serão objecto de análise detalhada, o repertório material da FVB parece resumir-se a escassos fragmentos de cerâmicas grosseiras, mal caracterizados (e actualmente perdidos), e a um conjunto de artefactos metálicos exumados por Estácio da Veiga e associados por este autor a algumas das sepulturas pré-romanas por si escavadas (Veiga 2005 [1891]: 251-255 e Ests. XXVIII e XXIX).

Entre estes elementos, destacam-se alguns objectos de adorno, nomeadamente uma pequena argola – possivelmente um brinco ou arrecada – de ouro (*idem*: Est. XXVIII, n. 1), dois anéis de bronze (*idem*: Est. XXIX, nn.2 e 7) e dois braceletes ou pulseiras abertos, igualmente de bronze (*idem*: Est. XXIX, nn. 3-4). A estas peças haveria ainda a somar o já mencionado disco de ouro, recolhido casualmente já após o fim dos trabalhos de campo, e cuja cronologia sidérica tem sido unanimemente reconhecida (Rocha 1904; Gomes 2010-2011; Vilaça – Armbruster 2012).

Verifica-se igualmente a presença de restos de elementos de indumentária, incluindo o que parece ser o aro de uma fíbula anular hispânica (Veiga 2005 [1891]: Est. XXIX, n. 1), bem como os fuzilhões de duas outras fíbulas de tipologia indeterminada, mas provavelmente integráveis, também elas, nessa mesma família tipológica (*idem*: Est. XXIX, nn. 5-6). Outros dois objectos de bronze – uma espátula e uma pequena colher (*idem*: Est. XXIX, nn. 14-15) – corresponderão a elementos relacionados com a cosmética e os cuidados corporais.

Entre os outros elementos metálicos exumados por Estácio da Veiga contam-se ainda aparentes restos de

armas de ferro, com destaque para o que parecem ter sido duas pontas de lança (*idem*: Est. XXIX, nn. 17-18). Finalmente, caberia resenhar a presença de outros elementos de função indeterminada, incluindo quatro argolas de bronze (*idem*: Est. XXIX, nn. 8-11), cuja cronologia pré-romana foi contudo questionada por Santos Rocha (1975 [1896]: 132-133), um alfinete do mesmo material (Veiga 2005 [1891]: Est. XXIX, n. 12), um possível anzol (*idem*: Est. XXIX, n. 13), bem como uma peça de ferro interpretada pelo seu descobridor como um pendente (*idem*: Est. XXIX, n. 19), função que contudo parece muito duvidosa.

Finalmente, caberia destacar a presença na FVB de um conjunto muito significativo de elementos epigráficos, incluindo seis estelas com inscrições em Escrita do Sudoeste e um grafito sobre uma lasca de xisto, gravado utilizando este mesmo sistema de escrita (Correia 1995-1997), conjunto ao qual, segundo uma proposta recente (v. Gomes 2010-2011), poderia talvez somar-se, não sem reservas, o já comentado disco de ouro.

Pelo menos parte das estelas epigrafadas antes referidas terão sido reutilizadas na construção de estruturas funerárias (Veiga 2005 [1891]: 253; Rocha 1975 [1986]: 134), mas ainda assim a sua presença neste contexto é reveladora do domínio da escrita por parte da comunidade que depôs os seus mortos na FVB, evidenciando a incorporação na matriz cultural local de elementos com origens em última análise exógenas, fenómeno que se encontra também materializado nos abundantes elementos vítreos, muito dos quais provavelmente importados, que se incorporaram nos espólios funerários da necrópole.

1.3. O lugar da Fonte Velha de Bensafrim na historiografia sobre o vidro pré-romano no Sul de Portugal

Se o estudo dedicado por Estácio da Veiga à necrópole da Fonte Velha de Bensafrim constitui a vários títulos um referente historiográfico incontornável para a investigação sobre a Idade do Ferro no Sul de Portugal, este trabalho ocupa também um lugar destacado no historial da investigação sobre o vidro pré-romano no Sul de Portugal, e em particular no estudo dos pequenos objectos de adorno produzidos neste material, aos quais nem sempre se tem dedicado a atenção que merecem.

O esforço feito pelo investigador balseense na ilustração – manual e a cores! (Fig. 3) – das abundantes contas de vidro por si exumadas na FVB (Veiga 2005 [1891]: Est. XXVIII) não conta, com efeito, com paralelos no panorama da investigação peninsular de finais do século XIX. Infelizmente, contudo, o elevado padrão estabelecido nas *Antiguidades Monumentais do Algarve*, nomeadamente do ponto de vista da representação gráfica, não fez escola.

Com efeito, ao longo das décadas seguintes, os pequenos elementos de adorno, em geral, e os de vidro em particular, não voltariam a merecer idêntica atenção nem a ser apresentados seguindo tão elevados padrões de qualidade. Na verdade, só na segunda metade do século XX surgirão novos trabalhos nos quais estes elementos merecem tratamento mais ou menos aprofundado, destacando-se as publicações relativas ao expressivo conjunto da Herdade do Gaio (Sines) (Costa 1967; 1972) e o estudo dos materiais exumados nas necrópoles da Mealha Nova e do Pêgo (Ourique) (Dias – Beirão – Coelho 1971).

Também nos trabalhos posteriores de Caetano de Mello Beirão se nota um certo interesse por estes elementos, embora alguns dos vastos conjuntos exumados por este investigador, como o da necrópole da Fonte Santa (Ourique), tenham sido apenas objecto de listagem sumária (Beirão 1986: 71-74). Ainda assim, não se verifica no actual território nacional qualquer esforço de sistematização comparável ao que E. Ruano Ruiz levou a cabo, também no final do século XX, para o território espanhol (Ruano Ruiz 1996; 2000).

Apesar disso, a partir do início do século XXI observa-se uma certa trajetória de incremento no interesse e na qualidade das publicações referentes a este tipo de elementos. Destacam-se, nomeadamente, o estudo dedicado ao conjunto da Cabeça de Vaia-monte (Monforte) (Fabião 2001), a seriação do conjunto da Vinha das Caliças 4 (Beja) (Gomes 2015; v. tb. Arruda *et al.* 2017) e as recentes publicações dos conjuntos de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos) (Arruda *et al.* 2016) e Mesas do Castelinho (Almodôvar) (Estrela 2019), a que poderiam somar-se os pioneiros trabalhos arqueométricos realizados sobre os conjuntos da Quinta do Almaraz (Almada) (Filardi 2011) e da Vinha das Caliças 4 (Costa *et al.* 2019).

Em face deste acrescido interesse pelos pequenos elementos de adorno, em geral, e das contas de vidro,



FIG. 3 Ilustração das contas de vidro da Fonte Velha de Bensafrim (nn. 1-7) e de outros sítios algarvios nas *Antiquidades Monumentais do Algarve* (Veiga 2005 [1891]: Est. XXVIII).

em particular, mas também do incremento substancial do número de conjuntos bem publicados, que permite já análises comparativas fundamentadas, parece pertinente visitar o vasto conjunto vítreo pré-romano da FVB, analisando tanto a tipologia dos elementos que o compõem e os seus paralelos formais como os dados que permitem abordar os seus usos no contexto da necrópole, e bem assim o seu enquadramento social e cultural ao nível local e regional.

2. AS CONTAS DE VIDRO PRÉ-ROMANAS DA FONTE VELHA DE BENSFRIM: QUANTIFICAÇÃO, TIPOLOGIA E USOS

2.1. O conjunto: quantificação e tipologia

O conjunto de contas de vidro da Idade do Ferro da FVB reparte-se actualmente por duas colecções

museológicas. A mais extensa, correspondente às recolhidas de Estácio da Veiga, encontra-se depositada no Museu Nacional de Arqueologia (MNA), totalizando um número mínimo de 235 contas. Destas, contudo, algumas apresentam problemas quanto à sua proveniência.

Com efeito, entre estes exemplares contam-se pelo menos duas peças que se encontram atribuídas à FVB ou a Torre d’Ares (Tavira) (nn. 263 e 271). Este último sítio foi igualmente explorado por Estácio da Veiga; no entanto, o erudito balseense referencia e ilustra as contas por si recolhidas nas ruínas de *Balsa* (Veiga 2005 [1891]: 260; Est. XXVIII, nn.10-11), entre as quais não figuram os dois exemplares em apreço. Este facto, somado à tipologia claramente pré-romana dos dois exemplares, dificilmente compatível com a cronologia da ocupação conhecida na área de Torre d’Ares (Nolen 1994), parece suportar a atribuição das peças em questão à FVB.

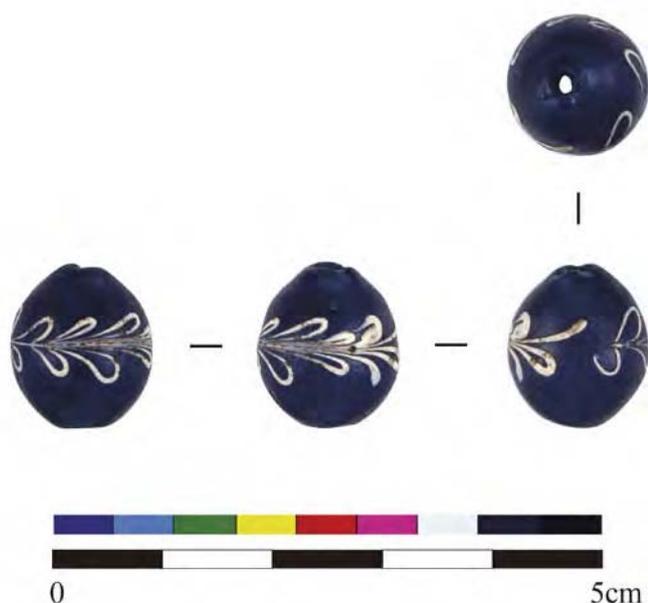


FIG. 4 Conta azul esverdeada (*teal*) com decoração fitomórfica da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, possivelmente de Época Romana.

Menos clara é a situação de uma terceira conta (n. 283) que, apesar de integrada na colecção da FVB, se encontra atribuída a Cômoros da Portela (Silves), necrópole também ela reconhecida por Estácio da Veiga após a descoberta de duas inscrições em caracteres do Sudoeste; a necrópole, provavelmente de cistas, encontrava-se já arrasada (Veiga 2005 [1891]: 285-286).

Ainda assim, Estácio da Veiga indica ter recolhido várias contas de colar de vidro, que referencia e ilustra detalhadamente nas *Antiguidades Monumentais do Algarve* (*idem*: 259; Est. XXVIII, n. 8). Entre esses exemplares, não consta contudo qualquer conta tipologicamente equiparável ao exemplar mencionado, pelo que a atribuição da citada peça vítrea a este conjunto funerário parece problemática, podendo resultar da complexa história museológica das colecções resultantes da acção do pioneiro arqueólogo balsense. Assim, e com as devidas reservas, a peça em questão foi integrada no presente estudo, encontrando-se contudo devidamente individualizada.

Por fim, um último exemplar (n. 203) deve considerar-se problemático na medida em que, apesar de integrado e acondicionado com os exemplares da necrópole lacobrigense, foi objecto de marcação directa a tinta com o topónimo “Azougada”. Não contamos com qualquer explicação para esta circunstância, tanto mais que a peça em questão engloba um conjunto formal e decorativamente coerente cujas demais

contas provêm inequivocamente da FVB. Assim, e mais uma vez com as devidas reservas, considerou-se que esta marcação resultará de algum lapso ocorrido em momento impreciso da longa história dos materiais em apreço, tendo-se por isso integrado esta peça no presente estudo.

Um outro exemplar igualmente englobado nesta colecção levanta problemas por razões distintas. Com efeito, e ainda que neste caso a conta em questão tenha sido inequivocamente recolhida por Estácio da Veiga na FVB e publicada pelo próprio autor (*idem*: Est. XXVIII, n. 6), as suas características técnicas, cromáticas e decorativas (Fig. 4) não parecem ter cabimento no repertório das contas de vidro da Idade do Ferro. Esta conta esférica, semi-translúcida, de coloração azul-esverdeada (*teal*), apresenta nomeadamente uma delicada decoração fitomórfica que não conta com qualquer paralelo nos conjuntos do período em análise. Este exemplar poderia assim adscriver-se tentativamente à ocupação romana da área da FVB, integrando o espólio de alguma das sepulturas dessa época igualmente documentadas no sítio (Pereira 2018: 414-429).

Assim, e excluindo este último exemplar e a possível peça de Cômoros da Portela, o conjunto vítreo pré-romano da FVB depositado no MNA totaliza na realidade 233 contas, a que se devem somar outros 64 exemplares recolhidos durante as intervenções de Santos Rocha e actualmente em exposição no Museu Municipal Santos Rocha (MMSR), na Figueira da Foz. O conjunto em análise perfaz, portanto, um total de 297 contas individuais (Figs. 5-7).

Quanto à sua tipologia, e embora não abarque a totalidade do repertório das contas de vidro pré-romanas actualmente conhecidas no Sul português, o conjunto da necrópole da FVB pode considerar-se a vários títulos representativo da realidade na sua região envolvente, como veremos. Desde logo, a esmagadora maioria dos elementos de adorno que o compõem integram-se num número limitado de tipos e variantes decorativas que, sem surpresas, correspondem aos grupos tipológicos mais representativos quer no Sul do actual território nacional quer nas regiões envolventes (*v. infra*). Não obstante, o conjunto da FVB engloba também outros tipos mais invulgares e merecedores de atenção pela sua raridade e/ou pela sua limitada distribuição.

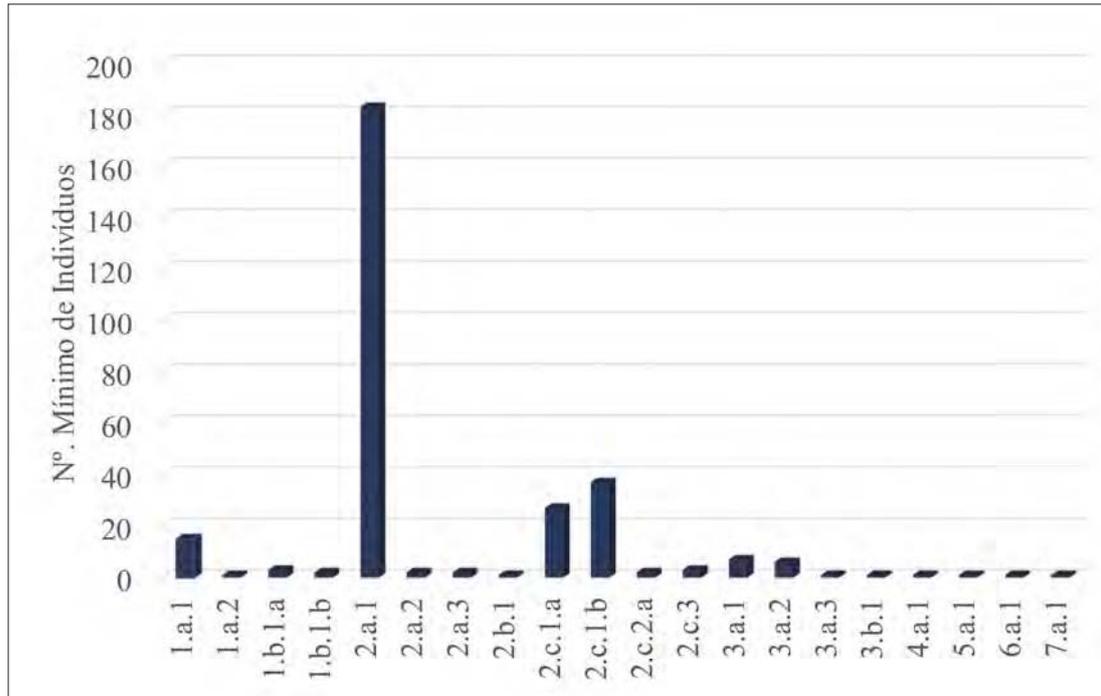


FIG. 5 Contas de vidro da Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim: quadro tipológico e quantificação.

1				2							
1.a		1.b		2.a			2.b	2.c			
1.a.1	1.a.2	1.b.1		2.a.1	2.a.2	2.a.3	2.b.1	2.c.1		2.c.2	2.c.3
		1.b.1.a	1.b.1.b					2.c.1.a	2.c.1.b	2.c.2.a	
15	1	3	2	183	2	2	1	27	37	2	3
5,1%	0,3%	1%	0,7%	61,6%	0,7%	0,7%	0,3%	9,1%	12,5%	0,7%	1%

3				4	5	6	7
3.a			3.b	4.a	5.a	6.a	7.a
3.a.1	3.a.2	3.a.3	3.b.1	4.a.1	5.a.1	6.a.1	7.a.1
7	6	1	1	1	1	1	1
2,4%	2%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%

FIG. 6 Distribuição do conjunto de contas vítreas da Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim por formas.

FIG. 7 Inventário e características básicas das contas de vidro da Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim.

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
1	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	1.a.1				0,9	0,35	•			
2	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	1.a.1				0,85	0,45	•		•	•
3	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	1.a.1?				0,8	0,4	•	•		
4	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	1.a.1?				0,95	0,5	•			
5	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,55	0,3	•			•
6	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,6	0,3		•		•
7	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,6	0,4	•			•
8	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,6	0,25	•			•
9	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,7	0,3	•			•
10	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,6	0,35	•			
11	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,65	0,35	•			
12	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,7	0,3	•			
13	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,7	0,4	•			
14	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	1.a.1?				0,55	0,4	•			•
15	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	1.a.1?				1,1	0,45	•			
16	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	1.a.2				0,7	0,3		•	•	
17	MNA - EV	983.1187.1	FVB	ND	1.b.1.a		PLURI	A	0,9	0,4				
18	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	1.b.1.a		PLURI	A	0,95	0,45			•	
19	MNA - EV	983.1187.3	FVB	ND	1.b.1.a?		PLURI	A	0,7	0,4				
20	MNA - EV	983.1188.1	FVB	ND	1.b.1.b		PLURI	A	1,2	0,6				
21	MNA - EV	983.1186.3	FVB	ND	1.b.1.b?		PLURI	A	1,1	0,65				
22	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,45	0,45	•	•		
23	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,3	•			•
24	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,5	•			•
25	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,3	•		•	
26	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,25	•	•		
27	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4	•			•
28	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4				•
29	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4				•
30	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,35	•			•
31	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4				•
32	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,25	?	?	?	?
33	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,45	•			•
34	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,45	•	•		
35	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,45	•			•
36	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4	•			•
37	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4	•			•
38	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4	•			•

(continua)

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
39	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,5	0,4			•	
40	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,35	•			•
41	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,33	•			•
42	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,4	•			•
43	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,4	•			•
44	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,35				•
45	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,4	•			•
46	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,45	•		•	
47	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,55	•			•
48	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,5				•
49	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,4				•
50	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,6	•			•
51	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,35	•		•	•
52	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,3	•		•	
53	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,45	•			•
54	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,4	•			•
55	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,55	0,35				•
56	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			
57	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,3				
58	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45				•
59	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4			•	•
60	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•			
61	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			•
62	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			•
63	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,6	•			
64	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
65	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			
66	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•			
67	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
68	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,55	•			
69	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			•
70	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,6				
71	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			•
72	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			
73	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			
74	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•			•
75	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,35	•			•
76	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•			•
77	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
78	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•	•		•
79	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,6	•			•
80	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45			•	
81	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
82	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•		•	
83	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•		•	
84	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
85	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45	•			•
86	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
87	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
88	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•			•
89	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,6	•			•
90	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,35	•			•
91	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,3				•
92	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
93	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4	•			•
94	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,35				•
95	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,6	0,3	•		•	
96	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4			•	•
97	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5			•	•
98	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,35			•	•
99	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45			•	
100	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45				•
101	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,4			•	•
102	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,45				
103	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,5	•		•	•
104	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,6	0,55			•	•
105	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Pequeno			0,65	0,6	•	•		
106	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,45	•			•
107	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,4	•			•
108	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,45	•			•
109	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,5	•			
110	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,6	?	?	?	?
111	MNA - EV	983.1184.4	FVB	ND	2.a.1	Pequeno			0,65	0,4			•	
112	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,65	0,55	•		•	•
113	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Pequeno			0,7	0,5				
114	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Pequeno			0,7	0,6	•			
115	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Pequeno			0,7	0,5	•			
116	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Pequeno			0,7	0,45	•			

(continua)

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
117	MNA - EV	983.1184.4	FVB	SI	2.a.1	Pequeno			0,7	0,45	•			
118	MNA - EV	983.1184.4	FVB	SI	2.a.1	Pequeno			0,7	0,5	•			•
119	MNA - EV	983.1184.4	FVB	SI	2.a.1	Pequeno			0,7	0,4	•			•
120	MNA - EV	983.1184.4	FVB	SI	2.a.1	Pequeno			0,7	0,45	•			•
121	MNA - EV	983.1185.7	FVB	SI	2.a.1	Pequeno			0,7	0,5				•
122	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Pequeno			0,7	0,5			•	•
123	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,75	0,65	•			
124	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,75	0,65		•		
125	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,75	0,55				
126	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,75	0,6		•		
127	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,75	0,7	•			
128	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,75	0,7			•	•
129	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,5	•	•		
130	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,6				•
131	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,7				
132	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,65				
133	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,5		•		
134	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,65	•			
135	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,45	•			
136	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,6	•			
137	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,45	•	•		
138	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,55				•
139	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,65	?	?	?	?
140	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,6				
141	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,8	0,6	•			
142	MNA - EV	983.1185.3	FVB	ND	2.a.1	Médio			0,8	0,6	•		•	•
143	MNA - EV	983.1185.6	FVB	ND	2.a.1	Médio			0,8	0,8	•		•	•
144	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,8	0,5	•		•	•
145	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,85	0,7	•			
146	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,85	0,65	•			
147	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,85	0,6	•	•		
148	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,85	0,6			•	•
149	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,85	0,7			•	•
150	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,9	0,65				
151	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,9	0,6		•		
152	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,9	0,7	•			
153	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,9	0,6	•			
154	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			0,9	0,65	•			
155	MNA - EV	983.1185.5	FVB	ND	2.a.1	Médio			0,9	0,75	•	•		

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
156	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,7	•		•	
157	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,8			•	•
158	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,55			•	•
159	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,5	?	?	•	?
160	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,6			•	
161	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,7	•		•	
162	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,6			•	•
163	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,9	0,8	•		•	•
164	MNA - EV	983.1185.2	FVB	ND	2.a.1	Médio			0,95	0,6	•		•	
165	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,95	0,7			•	•
166	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			0,95	0,8			•	•
167	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			1	0,75	•	•		
168	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			1	0,7	•			
169	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			1	0,9	•	•		
170	MNA - EV	985.1188.8c	FVB	ND	2.a.1	Médio			1	0,7	?	X	?	?
171	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1	0,8	•		•	•
172	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1	0,7	•		•	•
173	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1	0,5			•	•
174	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1	0,6			•	•
175	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1	0,65			•	•
176	MNA - EV	983.1181.1	FVB	EV1	2.a.1	Médio			1,05	0,75				
177	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1,05	0,75			•	
178	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1,05	0,85			•	•
179	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1,05	0,7			•	•
180	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Médio			1,1	0,8	?	?	•	•
181	MNA - EV	983.1185.1	FVB	ND	2.a.1	Grande			1,1	1	•			•
182	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,2	1,1	•			
183	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,2	1,1	•			
184	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,2	1,05	?	?	?	?
185	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,2	1	•			
186	MNA - EV	983.1185.4	FVB	ND	2.a.1	Grande			1,2	N/D	•	•	?	?
187	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Grande			1,25	1,2	•		•	•
188	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,3	1,2	•			
189	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,3	1,05	•			
190	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,3	1,1	?	?	?	?
191	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,3	1				•
192	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,3	1,05				
193	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 3	2.a.1	Grande			1,3	0,95	•		•	•
194	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,35	1				

(continua)

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
195	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,35	1,2	•			
196	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,35	1				
197	MNA - EV	984.1188.8b	FVB	ND	2.a.1	Grande			1,35	1,05	•	?	?	?
198	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,4	1,1	•			
199	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,4	1,05				•
200	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,4	0,95				
201	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,4	1	•			•
202	MNA - EV	983.1185.23	FVB	ND	2.a.1	Grande			1,4	0,9		•	•	
203	MNA - EV	983.1180.4	FVB	EV2	2.a.1	Grande			1,45	1,15	•			
204	MNA - EV	985.1188.8d	FVB	ND	2.a.1	Grande			0,6*	0,65	?	?	?	?
205	MNA - EV	983.1183.1	FVB	ND	2.a.2				0,8	0,5				
206	MNA - EV	983.1183.2	FVB	ND	2.a.2				0,7	0,45				
207	MNA - EV	983.1183.3	FVB	ND	2.a.3				1	0,75				•
208	MNA - EV	983.1185.19	FVB	ND	2.a.3				1	0,8	•		•	
209	MNA - EV	983.1185.18	FVB	ND	2.b.1				1	0,85				
210	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,4				
211	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,5				
212	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,45	•			
213	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,5				
214	MNA - EV	983.1187.4	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,5				
215	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,6			•	•
216	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,55	•		•	•
217	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,4			•	•
218	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,7	0,45	•		•	•
219	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,75	0,6	•			
220	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,75	0,4	•			
221	MNA - EV	983.1187.2	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,75	0,6	•			
222	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,8	0,5	•			
223	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,8	0,75	•			
224	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	A	0,8	0,5	•			
225	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,8	0,5			•	
226	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,85	0,7	•			
227	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,85	0,6			•	•
228	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,85	0,5			•	•
229	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,9	0,7	•			
230	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,9	0,7	•			
231	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,9	0,7			•	•
232	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.1.a		PLURI	A	0,9	0,55			•	
233	MNA - EV	983.1185.20	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	0,95	0,7				

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
234	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	1	0,6	•			
235	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	1,1	0,7				
236	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.1.a		PLURI	B	1,2	0,8				
237	MNA - EV	983.1186.13	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	MONO	A	0,8	0,45				
238	MNA - EV	983.1186.11	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	MONO	A	0,9	0,7				
239	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A	0,9*	0,7	?	?	•	•
240	MNA - EV	983.1186.12	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	MONO	A	0,9	0,55				
241	MNA - EV	983.1186.7	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	0,95	0,7			•	
242	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A	0,95*	0,55	?	?	•	•
243	MNA - EV	983.1182.1	FVB	EV3	2.c.1.b	Médio	MONO	A	1	0,6				
244	MNA - EV	983.1186.4	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1	0,55				•
245	MNA - EV	983.1186.5	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1	0,6	?	?	?	?
246	MNA - EV	983.1186.6	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1	0,7			•	
247	MNA - EV	983.1186.8	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1	0,7			•	
248	MNA - EV	983.1186.10	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	MONO	A	1	0,6				
249	MNA - EV	983.1182.1	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1,1	0,75	?	?	?	?
250	MNA - EV	983.1185.21	FVB	SI	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1,1	0,8				
251	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1,1	0,7	?	?	•	•
252	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A?	1,1*	0,8	?	?	•	•
253	MNA - EV	983.1182.1	FVB	Sep. 2	2.c.1.b	Médio	IND	A	1,15	0,8	?	?	?	?
254	MNA - EV	983.1186.9	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	MONO	A	1,15	0,85			•	
255	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A	1,2*	0,8	?	?	•	•
256	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A	1,2*	0,65	?	?	•	
257	MNA - EV	983.1182.1	FVB	EV3	2.c.1.b	Médio	PLURI	A	1,25	0,55				
258	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Médio	IND	A	1,3*	0,7	?	?	•	•
259	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,45	0,9	?	?	•	•
260	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,45*	0,8	?	?	•	•
261	MNA - EV	983.1186.2	FVB	ND	2.c.1.b	Grande	PLURI	B	1,5	1	?	?	?	?
262	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,5	0,9	?	?	•	•
263	MNA - EV	983.1189.2	FVB (ou Td'A)	ND	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,5	0,85	?	?	•	?
264	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,5*	1,1	?	?	•	•
265	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	PLURI	A	1,6	0,95	?	?	•	•

(continua)

#	COLEÇÃO	N.º INVENTÁRIO ORIGINAL	SÍTIO	CONTEXTO	CLASSIFICAÇÃO	MÓDULO	ESTRUTURA DAS OCULAÇÕES	ESQUEMA DAS OCULAÇÕES	Ø	COMPRIMENTO	IMPERFEIÇÕES DE CORTE	OUTRAS IMPERFEIÇÕES	DESGASTE	MICRO-LASCAMENTO
266	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 2 (Sep. 9?)	2.c.1.b	Grande	IND	A?	1,6*	1,05	?	?	•	•
267	MNA - EV	983.1185.24	FVB	ND	2.c.1.b	Grande	PLURI?	A	1,65*	1,1	?	?	?	?
268	MNA - EV	983.1182.1	FVB	EV3	2.c.1.b	Muito grande	PLURI	ALT	1,7	1,45	?	?	?	?
269	MNA - EV	983.1182.1	FVB	EV3	2.c.1.b	Muito grande	PLURI	ALT	1,75	1,25	?	?	?	?
270	MNA - EV	983.1186.1	FVB	ND	2.c.1.b	Muito grande	PLURI	ALT	1,8	1,4	?	?	?	?
271	MNA - EV	983.1189.1	FVB (ou Td'A)	ND	2.c.1.b	Muito grande	PLURI	ALT	1,8	1,2			•	•
272	MNA - EV	983.1188.3a	FVB	ND	2.c.1.b	Muito grande	PLURI	ALT	ND	1,1	?	?	?	?
273	MNA - EV	983.1188.3c	FVB	ND	2.c.1.b	Médio	PLURI	A?	ND	ND	?	?	?	?
274	MNA - EV	983.1184.3	FVB	ND	2.c.2.a		PLURI	A	0,6	0,9				
275	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	2.c.2.a		PLURI	A	0,95	1,25			•	•
276	MNA - EV	983.1182.1	FVB	EV3	2.c.3		PLURI	E	1,3	1	?	?	?	?
277	MNA - EV	983.1188.2	FVB	ND	2.c.3		PLURI	E	1,35	1	?	?	?	?
278	MNA - EV	983.1188.3b	FVB	ND	2.c.3		PLURI	E	ND	0,9	?	?	?	?
286	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.1				0,4	1,75				
287	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.1				0,4	1,75				
288	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.1				0,5	2,5		•		
289	MNA - EV	983.1185.11	FVB	ND	3.a.1				0,7	1,5*	?	•	?	?
290	MNA - EV	983.1185.8	FVB? Cômoros da Portela?	ND	3.a.1				1	2,7*	?	•	?	?
291	MNA - EV	983.1185.12	FVB	ND	3.a.1				0,7*	N/D	?	?	?	?
292	MNA - EV	983.1185.13	FVB	ND	3.a.1				0,65*	N/D	?	?	?	?
293	MNA - EV	983.1185.14	FVB	ND	3.a.1				0,45	N/D	?	?	?	?
280	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.2				0,95	2	?	•	?	?
281	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.2				1	2		•		
282	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.2				1	1,9	?	•	?	•
283	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.2				0,9	1,9		•		•
284	MNA - EV	983.1185.9	FVB	ND	3.a.2				1,1*	N/D	?	?	?	?
285	MNA - EV	983.1185.10	FVB	ND	3.a.2				0,9*	N/D	?	•	?	?
279	MNA - EV	983.1184.14	FVB	ND	3.a.3				1,1	2,35		•		•
294	MNA - EV	983.1183.8	FVB	EV4	3.b.1				1,1	2,6				•
295	MMSR - SR	MMSR	FVB	COLAR 1	5.a.1				0,65	1,3	•		•	
296	MNA - EV	983.1183.6	FVB	EV4	4.a.1				1,4	1,25				
297	MNA - EV	983.1183.7	FVB	EV4	6.a.1				1,6	1,6		•		
298	MNA - EV	983.1183.4	FVB	ND	7.a.1				1,4	0,8	?	?	?	?

No sentido de dar conta da diversidade tipológica e decorativa do material em apreço e de organizar a exposição aqui apresentada, procurou-se numa primeira instância ordenar as contas de vidro da FVB aqui estudadas seguindo a tipologia de referência estabelecida por E. Ruano Ruiz nos seus pioneiros estudos sobre este tipo de elementos no actual território espanhol (Ruano Ruiz 1996; 2000). Verificou-se contudo desde cedo que, apesar de permitir a classificação operativa de boa parte do material, a tabela tipológica proposta por esta autora (Ruano Ruiz 2000: 191-193) não cobria a totalidade do repertório documentado no sítio lacobrigense, não contando por outro lado com mecanismos de notação adequados para dar conta das variações cromáticas e decorativas presentes no conjunto e que, dentro do panorama regional, merecem atenção individualizada.

Assim, e considerando essas limitações daquela que é, para todos os efeitos, a única tipologia global de referência disponível, tornou-se evidente a necessidade de estabelecer uma ordenação tipológica própria para o material da FVB (Fig. 6) que se apresentará nas páginas que se seguem. Contudo, e sempre que possível, indicar-se-á a correspondência entre a classificação aqui proposta e a tipologia estabelecida por Encarnación Ruano Ruiz (*ibidem*), identificada pela abreviatura “RR”.

2.1.1. Grupo 1 – Contas anulares (≈ RR3) (Fig. 8, nn. 1-21)

O primeiro grupo formal documentado no conjunto vítreo da necrópole da Idade do Ferro da FVB corresponde a contas que, seguindo os critérios de classificação de Encarnación Ruano Ruiz (*ibidem*), poderiam descrever-se como anulares. Contudo, caberia salientar que no contexto do conjunto em apreço a distinção entre contas anulares e contas esféricas ou derivadas resulta pouco evidente, apreciando-se uma sobreposição entre umas e outras no que aos seus diâmetros e alturas diz respeito.

Assim sendo, o único critério de diferenciação possível corresponde ao diâmetro da perfuração central dos exemplares, que, pelas suas dimensões superiores, permite nalguns casos distinguir – sempre com reservas – peças que poderão englobar-se no presente Grupo formal. Porém, não é claro se essa circunstância se deve a uma intenção deliberada de produzir peças morfologicamente diferenciadas ou às circunstâncias

da produção destas contas que, como haverá oportunidade de observar ao longo deste trabalho, parece ter conhecido um reduzido grau de normalização.

De todos modos, foi possível individualizar 21 contas de morfologia tendencialmente anular, correspondentes a 7,1% do conjunto total. Do ponto de vista cromático e decorativo, este Grupo pode dividir-se em dois Tipos concretos: o Tipo 1.a, correspondente a contas anulares monócromas, e o Tipo 1.b, correspondente a exemplares anulares policromos.

2.1.1.a. Tipo 1.a – Monócromas (≈ RR3.A) (Fig. 8, nn. 1-16)

Dentro do grupo formal das contas anulares, os exemplares monócromos são predominantes, contabilizando um total de 16 peças (5,4% do conjunto total). Estas podem, por sua vez, repartir-se por duas variantes com base na sua coloração. A variante 1.a.1, maioritária, corresponde a contas de cor azul de cobalto, que totalizam 15 exemplares (Fig. 8, nn. 1-15), reflectindo assim a preponderância das peças monócromas desta cor no conjunto (v. *infra*, Tipo 2.a.1). Os exemplares classificados dentro desta variante apresentam diâmetros entre os 0,55 e os 0,95 cm e alturas entre os 0,25 e os 0,5 cm.

Não sendo frequentes, porventura por se contabilizarem com frequência juntamente com as suas congéneres esféricas, as contas de vidro anulares monócromas azuis de cobalto estão ainda assim bem documentadas em vários conjuntos de referência da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, nomeadamente no da necrópole da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), no de Mesas do Castelhinho (Estrela 2019: 204), no da Cabeça de Vaia-monte (Fabião 2001: 203) ou no de Chibanés (Palmela) (Pimenta *et al.* 2019: Fig. 10, n. 57).

O tipo está também bem representado no Baixo Tejo e na Estremadura, com bons exemplos nos conjuntos de Freiria (Cascais) (Cardoso – Encarnação 2013: Fig. 49), do Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.* 2016: Fig. 5), da Alcáçova de Santarém (Arruda – Viegas – Almeida 2002: 161, n. 180), do Alto dos Cacos (Almeirim) (Sousa *et al.* 2016-2017: Fig. 15), do Vale de Tijolos (Almeirim) (Pimenta *et al.* 2019: Fig. 16), do Moinho da Mariquitas (Torres Vedras) (Monteiro – Cardoso 2016: Est. 4) e de Pragança (Cadaval) (Melo – Pimenta 2020: Fig. 9), ou, já no Médio Tejo português, no de Pedreira I (Abrantes) (Batista 2013: Foto 8). A ocorrência de

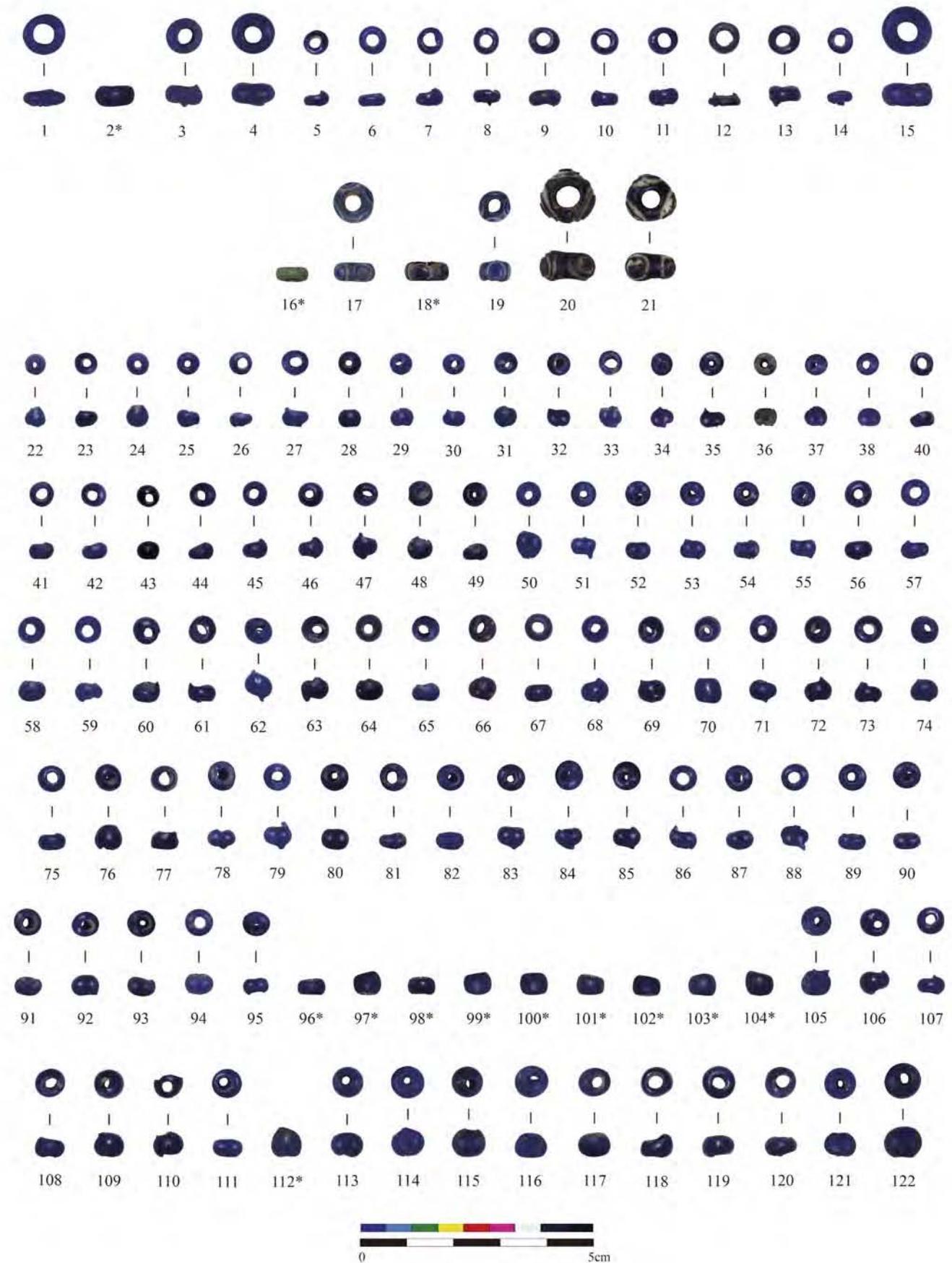


FIG. 8 Grupo 1 – Contas anulares: 1 a 15 – Tipo 1.a, Variante 1.a.1; 16 – Tipo 1.a, Variante 1.a.2; 17 a 19 – Tipo 1.b, Variante 1.b.1, Sub-variante 1.b.1.a; 20-21 – Tipo 1.b, Variante 1.b.1, Sub-variante 1.b.1.b. Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas: 22 a 122 – Variante 2.a.1. Os exemplares marcados com asterisco pertencem às colecções do MMSR.

exemplares equiparáveis a esta variante em paragens mais setentrionais está igualmente bem documentada (Rocha 1971: Fig. 4; Ruano Ruiz 2000: 111; Santos – Schattner 2010: Fig. 16; Gomes 2012).

Já fora do território nacional, o tipo ocorre em diversos contextos englobáveis na Idade do Ferro do Sul peninsular, entre os quais podem citar-se, sem pressões de exaustividade, o Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María) (Ruano Ruiz 2001a: 58) e a correspondente necrópole de Las Cumbres (Ruano Ruiz 2001b: 71), o santuário de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda) (Ruano Ruiz – Moreno Nuño – Pellus 1996: 108-109), a necrópole de Cerro de los Vientos (Jáen) (Sánchez *et al.* 2019: Fig. 5) e o povoado de Pajarres (Villanueva de la Vera) (Jiménez Ávila 1999: 145 e Fig. 3) ou, já no Sudeste e no Levante, as necrópoles de Les Casetes (Villajoyosa) (García Gandía 2009: 139-140), de El Cigarralejo (Mula) (Ruano Ruiz – Hoffman – Rincón 1995: 191-192) ou de La Albufereta (Alicante) (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400).

O tipo está também bem documentado no amplo conjunto de Ibiza, ilha em cujos conjuntos funerários se documenta entre os séculos VII-VI e o III a.n.e. (Ruano Ruiz 1996: 46), bem como em outros ambientes fenícios e púnicos do Mediterrâneo Central (Giammellaro 2008: Tav. XXXI; Docter – Sonneveld 2009: 136; Eremin *et al.* 2012: 30; Muscuso 2017: 446)

Nos casos mais bem datados, os paralelos procedentes dos vários contextos citados distribuem-se de forma preferencial por um intervalo centrado entre os séculos VI e IV a.n.e., embora a sua presença em ambientes dos séculos III-II a.n.e. na Alcáçova de Santarém (Arruda – Viegas – Almeida 2002: 161) permita afirmar que este tipo de contas, dada a sua simplicidade formal e decorativa, terá sido produzido ao longo de um período de tempo substancialmente mais dilatado.

Quanto à variante 1.a.2, encontra-se representada por uma única conta monócroma de coloração verde clara, com um diâmetro de 0,7 cm e uma altura de 0,3 cm (Fig. 8, n. 16). As contas desta tonalidade são substancialmente menos frequentes que as suas congéneres azuis de cobalto, estando ainda assim atestadas no conjunto da Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001: 204) bem como no de Mesas do Castelhinho, embora neste caso já em contextos de Época Romana (Estrela 2019: 202-203). Em paragens mais setentrionais, o

exemplar de Cabeço do Vouga (Águeda) apresenta infelizmente uma cronologia imprecisa (Gomes 2012: n. 24).

A conta da FVB encontra, não obstante, paralelos noutros conjuntos da Idade do Ferro do Sul Peninsular, nomeadamente na necrópole de La Angorrilla (Alcalá del Río) (de la Bandera Romero – Ferrer Albelda 2014: 460), no santuário de La Algaida (Ruano Ruiz – Moreno Nuño – Pellus 1996: 108-109), na necrópole de Les Casetes (García Gandía 2009: 139-140) e talvez também na de La Albufereta (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400). Estes exemplares apresentam cronologias algo discrepantes, podendo repartir-se por dois momentos distintos, o primeiro centrado no século VI a.n.e. e o segundo porventura no século IV a.n.e..

2.1.1.b. Tipo 1.b – Polícromas (\approx RR3.B)

(Fig. 8, nn. 17-21)

No conjunto da FVB, as contas anulares policromas são bastante menos frequentes do que as suas congéneres monócromas, somando apenas cinco exemplares (1,7% do conjunto total), todos eles englobáveis numa mesma variante, correspondente a peças com decoração oculada (Variante 1.b.1). Esta variante pode, por sua vez, repartir-se em duas Sub-variantes, em função da gama cromática patente nos exemplares em apreço.

Assim, pode individualizar-se neste conjunto uma Sub-variante 1.b.1.a que engloba peças cuja matriz apresenta uma coloração azul turquesa, ao passo que as respectivas oculações, em todos os casos pluriestratificadas, se realizaram mediante a aplicação alternada de camadas brancas e azuis de cobalto. Esta Sub-variante soma um total de três exemplares (Fig. 8, nn. 17-19), com diâmetros entre os 0,7 e os 0,95 cm e alturas entre os 0,4 e os 0,45 cm.

Quanto ao seu esquema decorativo, as oculações das peças desta Sub-variante são, em todos os casos, individuais, distribuindo-se ao longo do eixo transversal da peça, podendo por isso englobar-se no padrão A definido para as decorações oculadas por Gustavus Eisen (1916: 13) e posteriormente retomado e reelaborado por Encarnación Ruano Ruiz (1995b: Fig. 4; 2000: Cuadro n.º 1).

As peças da Sub-variante em apreço devem aproximar-se, formal, decorativa e conceptualmente, das suas congéneres de morfologia esférica ou derivada

(v. *infra*, Sub-variante 2.c.1.a), bastante mais frequentes nos conjuntos peninsulares do que as peças anulares propriamente ditas. Ainda assim, podem rastrear-se paralelos para as contas em apreço nos conjuntos da necrópole da Vinha das Calças 4 (Gomes 2015: Fig. 1; v. tb. Arruda *et al.* 2017), no povoado de Mesas do Castelhinho (Estrela 2019: 205-206) e talvez também na necrópole da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74).

Já fora do território nacional, podem mencionar-se, sem pretensões de exaustividade, exemplares análogos do Castillo de Doña Blanca (Ruano Ruiz 2001a: 58) e talvez de La Algaida (Ruano Ruiz – Moreno Nuño – Pellus 1996: 108-109) bem como, já em paragens mais interiores, de Palomar de Pintado (Toledo) (Conde *et al.* 2016: Fig. 2, PP-05).

Neste contexto, não pode deixar de se assinalar que as características cromáticas e decorativas destas contas permitem relacioná-las de forma bastante directa com modelos muito difundidos no Mediterrâneo fenício e púnico. Assim, entre as abundantes contas oculadas de Ibiza contabilizam-se também algumas peças análogas às da FVB aqui analisadas (Ruano Ruiz 1996: 48), às quais se podem somar exemplos procedentes da Sardenha, por exemplo da necrópole de Othoca (Oristano) (Muscuco 2017: 445).

De entre os exemplares peninsulares antes referenciados, os mais bem contextualizados cobrem uma vez mais um intervalo cronológico essencialmente centrado entre a segunda metade do século VI e a primeira metade do IV a.n.e..

Aparte destes exemplares, documentam-se ainda entre os materiais da FVB duas outras contas anulares com decoração oculada, mas neste caso com uma matriz de tonalidade aparentemente negra (v. *infra*) e oculações pluriestratificadas a branco e negro (Fig. 8, nn. 20-21). Estes dois exemplares, que representam a Sub-variante 1.b.1.b, apresentam diâmetros de 1,1 e 1,2 cm e alturas de 0,65 e 0,6 cm, respectivamente. Quanto ao seu esquema decorativo, todas as contas desta Sub-variante ostentam, também elas, oculações individuais distribuídas ao longo do eixo transversal de cada peça, podendo portanto assimilar-se ao padrão A de Eisen/ Ruano Ruiz.

Tal como as suas congéneres azuis-turquesa, as contas oculadas desta Sub-variante devem aproximar-se do grupo, substancialmente mais frequente, das contas esféricas “negras” oculadas a branco e negro

(v. *infra*, Sub-variante 2.c.1.b). Como haverá oportunidade de comentar, os exemplares com este esquema cromático são particularmente característicos do território meridional português, razão pela qual a escassez de paralelos para as peças em apreço, morfologicamente minoritárias dentro dessas produções, não é demasiado surpreendente.

Ainda assim, podem mencionar-se possíveis paralelos para os exemplares da FVB procedentes de Mesas do Castelhinho (Estrela 2019: 205) e talvez também da necrópole da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-73). Cronologicamente, caberia cotejar estes raros exemplares anulares com as mais abundantes contas de morfologia esférica, cuja produção parece centrar-se fundamentalmente no século VI a.n.e., ainda que com per durações na centúria seguinte (v. *infra*, Sub-variante 2.c.1.b).

2.1.2. Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (≈ RR4) (Fig. 8, nn. 22-122; Figs. 9-11; Fig. 12, nn. 274-278)

O segundo grupo morfológico documentado no conjunto de contas vítreas da FVB corresponde a exemplares de morfologia esférica ou, mais propriamente, de morfologias derivadas da esférica, na medida em que os exemplares englobáveis neste grupo se distribuem, de forma pouco ou nada normalizada, entre peças próximas da esfericidade perfeita, peças esféricas com as extremidades achatadas, peças de morfologia sub-esférica mas francamente irregular e peças tendencialmente toróides.

Como foi já referido, não existe qualquer razão para pensar que a diversidade interna deste grupo é intencional, devendo pelo contrário assumir-se que decorre do carácter das próprias técnicas produtivas e da natureza pouco ou nada estandardizada da produção.

As contas esféricas e derivadas são claramente predominantes no conjunto da FVB, somando um total de 257 exemplares, isto é, 86,5% do total das peças estudadas. Este avultado conjunto pode dividir-se, em função uma vez mais das suas características cromáticas e decorativas, em três Tipos principais: o Tipo 2.a, correspondente a contas esféricas e derivadas monocromas lisas; o Tipo 2.b, que abrange as contas monocromas com superfícies enrugadas; e o Tipo 2.c, que engloba as contas com decorações policromas.

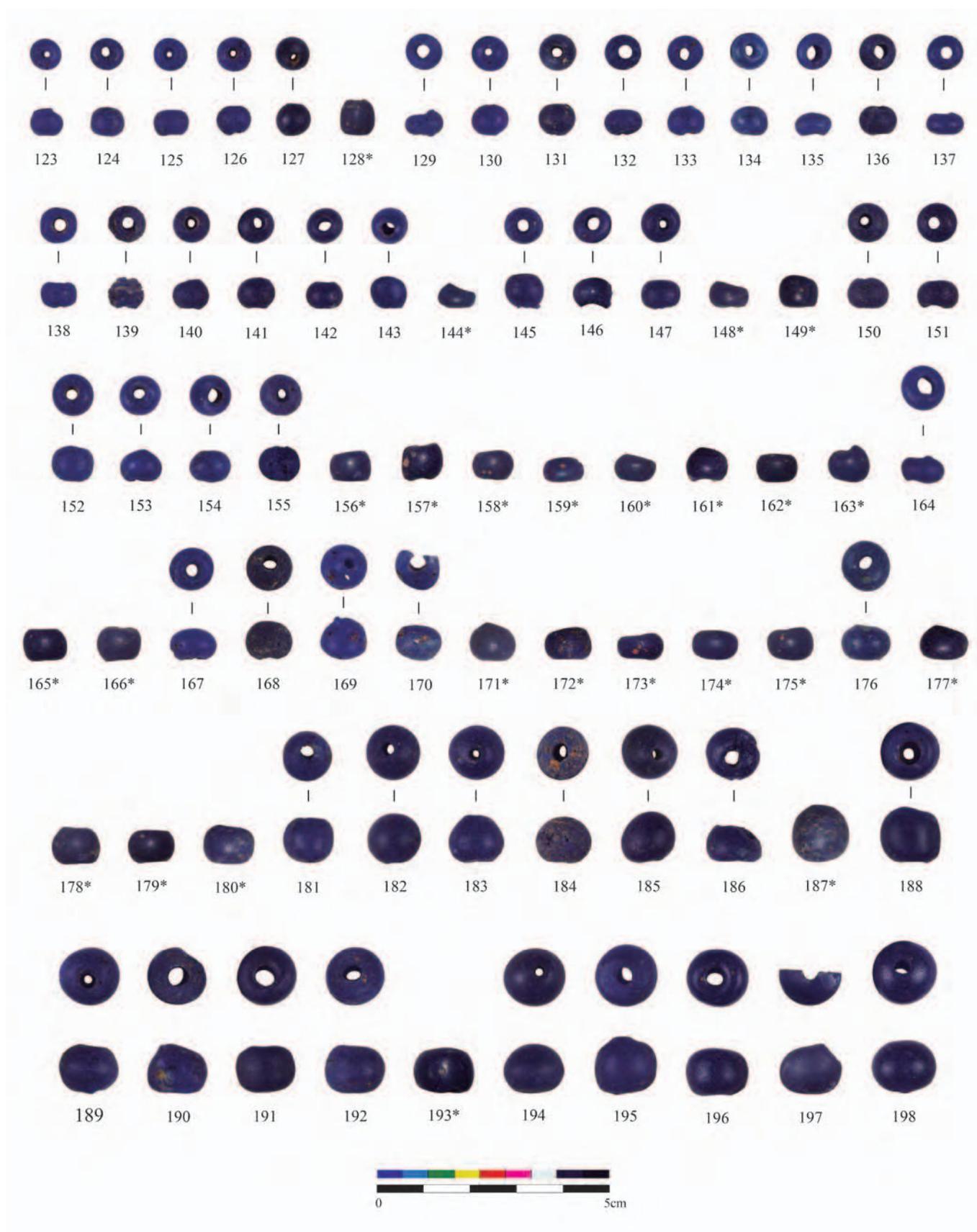


FIG. 9 Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (cont.): 123 a 198 – Variante 2.a.1. Os exemplares marcados com asterisco pertencem às colecções do MMSR.



FIG. 10 Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (cont.): 198 a 204 – Tipo 2.a, Variante 2.a.1; 205-206 – Tipo 2.a, Variante 2.a.2; 207-208 – Tipo 2.a, Variante 2.a.3; 209 – Tipo 2.b, Variante 2.b.1. Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (cont.): 210 a 236 – Tipo 2.c, Variante 2.c.1, Sub-variante 2.c.1.a; 237-260 – Tipo 2.c, Variante 2.c.1, Sub-variante 2.c.1.b Os exemplares marcados com asterisco pertencem às colecções do MMSR.

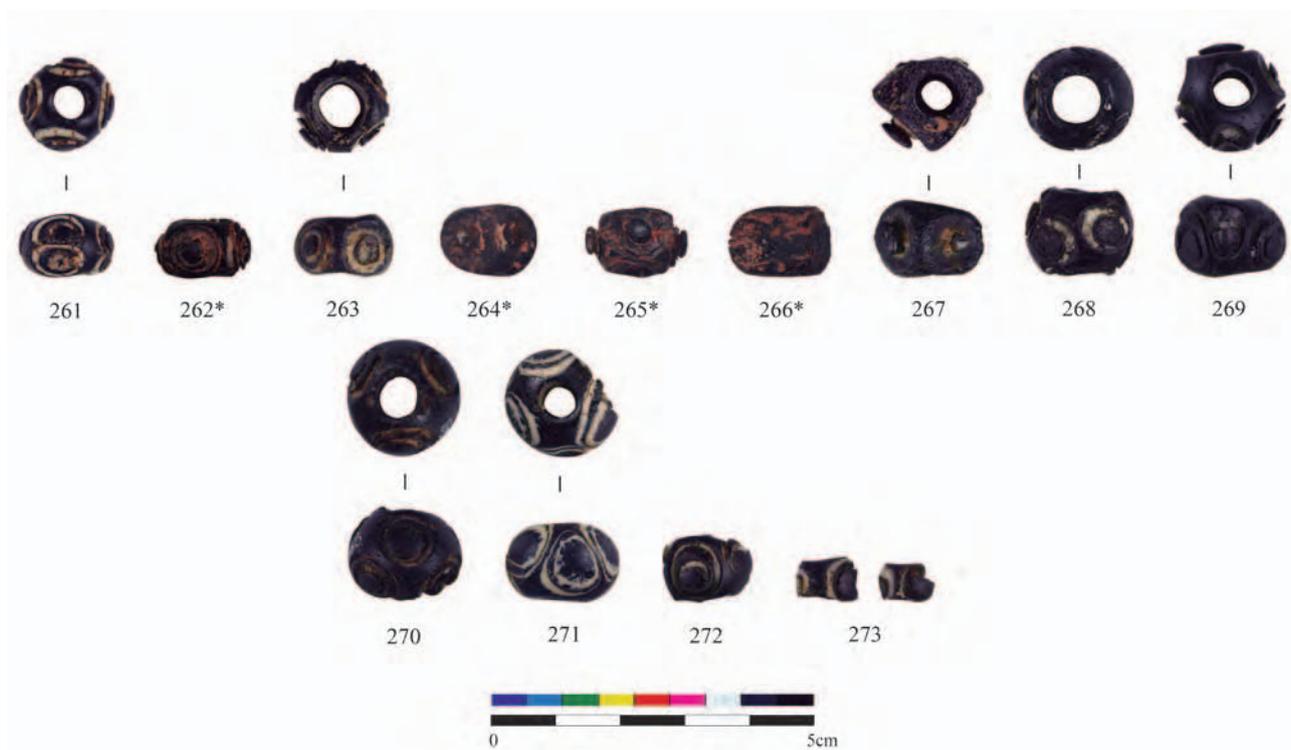


FIG. 11 Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (cont.): 261-273 – Tipo 2.c, Variante 2.c.1, Sub-variante 2.c.1.b. Os exemplares marcados com asterisco pertencem às colecções do MMSR.



FIG. 12 Grupo 2 – Contas esféricas e derivadas (cont.): 274-275 – Tipo 2.c, Variante 2.c.2, Sub-variante 2.c.2.a; 276 a 278 – Tipo 2.c, Variante 2.c.3. Grupo 3 – Contas cilíndricas: 279 a 286 – Tipo 3.a, Variante 3.a.1; 287 a 292 – Tipo 3.a, Variante 3.a.2; 293 – Tipo 3.a, Variante 3.a.3; 294 – Tipo 3.b, Variante 3.b.1. Grupo 4 – Contas galonadas: 295 – Tipo 4.a, Variante 4.a.1. Grupo 5 – Contas fusiformes: 296 – Tipo 5.a, Variante 5.a.1. Grupo 6 – Contas bitroncocónicas: 297 – Tipo 6.a, Variante 6.a.1. Grupo 7 – Contas espiraliformes: 298 – Tipo 7.a, Variante 7.a.1. Os exemplares marcados com asterisco pertencem às colecções do MMSR.



2.1.2.a. Tipo 2.a – Monóchromas lisas (\approx RR4.A)
(Fig. 8, nn. 22-122; Fig. 9; Fig. 10, nn. 199-208)

Tal como já observado para o caso das contas anulares, também no caso das de morfologia esférica ou derivada os exemplares monóchromos são claramente predominantes, somando um total de 187 peças, correspondentes a 63% do conjunto total. Dentro dessa amostra, as peças com colorações azuis de cobalto (Variante 2.a.1) constituem a esmagadora maioria, somando um total de 183 exemplares, correspondentes a 61,6% do total da necrópole (Fig. 8, nn. 22-122; Fig. 9; Fig. 10, nn. 199-203).

Estas contas apresentam, contudo, uma assinalável variabilidade em termos das suas dimensões, que permitem pensar na existência no seio desta Variante de módulos de dimensões diversas. Naturalmente, e tendo em conta a falta de normalização da produção, já mencionada, a divisão desses módulos reveste-se de um carácter até certo ponto arbitrário. Ainda assim, a observação do gráfico da Fig. 13, representativo da dispersão do conjunto em função da correlação das variáveis diâmetro e altura, permite sugerir que as contas em análise se repartem por um módulo pequeno (0,45 a 0,7 cm de diâmetro; 0,25 a 0,6 cm de altura) (101 exemplares), um módulo médio (0,75 a 1,1 cm de diâmetro; 0,45 a 0,9 cm de altura) (58 exemplares) e

um módulo grande (1,1 a 1,45 cm de diâmetro; 0,95 a 1,15 cm de altura) (24 exemplares).

A preponderância das contas monóchromas azuis de cobalto no conjunto da FVB está longe de ser surpreendente, na medida em que as peças com estas características formais e cromáticas constituem um dos grupos mais habituais dentro do repertório das contas de vidro pré-romanas do Sul do actual território português, e não só, e certamente, do ponto de vista quantitativo, um dos mais abundantes, senão mesmo o mais abundante.

A lista dos sítios onde se recolheram contas do tipo em apreço no Sudoeste Peninsular é extensa. No entorno mais imediato da FVB, as peças deste tipo encontram-se documentadas na necrópole dos Cômoros da Portela (Veiga 2005 [1891]: 259 e Est. XXVIII, n. 8), na de Pèrre Jacques (Aljezur) (Viana – Formosinho – Ferreira 1953) e na de Alagoas (Loulé) (Vasconcelos 1919-1920: 101), bem como no Castelo de Castro Marim e, talvez, no Monte Molião (Lagos) (Arruda *et al.* 2016: 95-96). Outros exemplares foram exumados nas necrópoles da Herdade do Gaio (Costa 1967; 1972), da Mealha Nova (Dias – Beirão – Coelho 1971: 219), da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-73), da Nora Velha (Aljustrel) (Soares – Martins 2013: Fig. 5), da Vinha das Caliças 4 (Gomes 2015: Fig. 1; v. tb. Arruda *et al.* 2017),

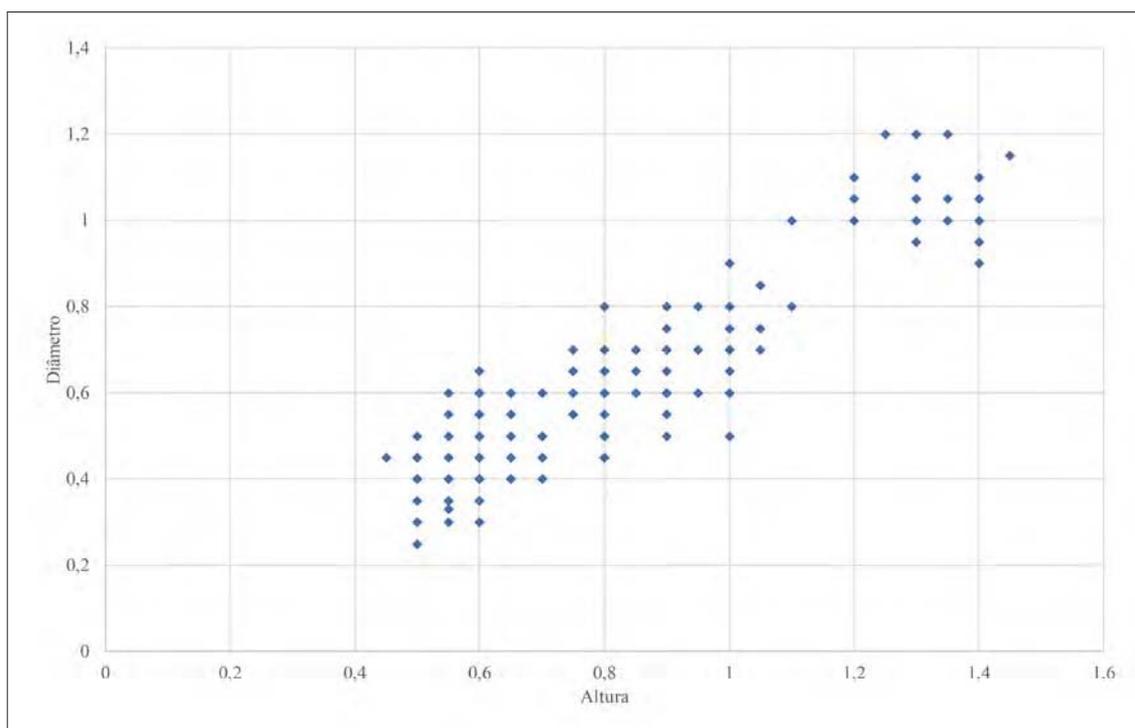


FIG. 13 Mapa de dispersão dos valores da correlação diâmetro/altura dos exemplares da Variante 2.a.1.

da Quinta do Castelo 5 (Beja) (Calvo Rodríguez – Simão 2017: 404) e de Pisões (Beja) (Bargão – Fernandes 2017: 415 e Fig. 8), bem como nos povoados de Mesas do Castelinho (Estrela 2019: 202), da Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001: 203) e de Chibanés (Pimenta *et al.* 2019: Fig. 10).

Neste contexto, merece igualmente referência a abundância de peças do tipo em apreço no Baixo Tejo e na Estremadura, com destaque para o nutrido conjunto de Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.* 2016: Fig. 5), a que podem somar-se os exemplares do Alto das Perdizes (Lisboa) (*idem*: 92), de Freiria (Cardoso – Encarnação 2013: Fig. 49), do Cabeço Guião (Cartaxo) (Arruda *et al.* 2017: Fig. 29), da Alcáçova de Santarém (Arruda 1999-2000: 216), do Alto dos Cacos (Sousa *et al.* 2016-2017: Fig. 15), do Vale de Tijolos (Pimenta *et al.* 2019: Fig. 16), de Berbeita (Alenquer) (Costa 2010: Fig. 10), da Serra do Socorro (Mafra/ Torres Vedras) (Matias 2004), do Moinho da Mariquitas (Monteiro – Cardoso 2016: Est. 4) e de Pragança (Melo – Pimenta 2020: Fig. 9). As contas esféricas monócromas azuis de cobalto são também comparativamente frequentes em ambientes mais setentrionais (Rocha 1971: Fig. 4; 128; Santos – Batata 2005; Santos – Schattner 2010: Fig. 16; Batista 2013: Foto 8; Gomes 2012).

Já no território espanhol, merecem menção quer os paralelos documentados na área da Extremadura, na necrópole de El Jardal (Herrera del Duque) (Jiménez Ávila 2001: 116), em Pajares (Jiménez Ávila 1999: 145-147) e em Castrejón de Capote (Higuera de la Real) (Berrocal-Rangel 1989: 258), quer aqueles que se podem identificar em sítios andaluzes, como o Castillo de Doña Blanca (Ruano Ruiz 2001a: 58) e a correspondente necrópole de Las Cumbres (Ruano Ruiz 2001b: 71) ou a necrópole de Cerro de los Vientos (Sánchez *et al.* 2019: Fig. 5). Não faltam igualmente exemplos em áreas mais setentrionais, nomeadamente nas necrópoles vetonas de Las Cogotas e de La Osera (Ávila) (Ruano Ruiz 2000: 111).

Já na área mediterrânea peninsular, caberia referir os exemplares da necrópole de Les Casetes (García Gandía 2009: 139-140) e do povoado da Peña Negra (Crevillente) (Martínez Mira – Vilaplana Ortego 2014: 907-909) ou, já do período ibérico, os das necrópoles de El Cigarralejo (Ruano Ruiz – Hoffman – Rincón 1995: 191-192) e de La Albufereta (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400).

As contas esféricas e derivadas monócromas azuis escuras são igualmente presença frequente nos conjuntos do Mediterrâneo fenício e púnico. Desde logo, não podem deixar de citar-se os exemplares procedentes da ilha de Ibiza (Ruano Ruiz 1996: 46), a que se podem acrescentar, a título de exemplo, os de Mozia e Palermo, na Sicília (Giammelaro 2008: Tav. XV- XVI e XXI-XII), os de Sant'Antioco, Tharros e Othoca, na Sardenha (Uberti 1975: Tav. XLIII-XLV; 1993: Tav. XV-XVII; Muscuso 2017), ou os da própria Cartago (Eremin *et al.* 2012: 30).

Uma vez mais, dada a simplicidade formal destas contas e a sua abundância, a possibilidade de as mesmas terem circulado no território peninsular em geral, e no Extremo Ocidente em particular, durante um período de tempo dilatado parece, no mínimo, plausível, como aliás já se assinalou (Arruda *et al.* 2016: 92). No Sul do actual território nacional, as datações dos exemplares mais bem contextualizados sugerem contudo uma concentração particular entre os séculos VI e IV a.n.e., como é aliás regra para a generalidade das contas vítreas.

Aparte deste extenso conjunto de contas monócromas lisas azuis de cobalto, o conjunto da FVB inclui ainda dois exemplares de coloração vermelha acastanhada (0,7% do conjunto total) (Fig. 10, nn. 205-206), que constituem a Variante 2.a.2 dos adornos vítreos pré-romanos do sítio. Estas peças apresentam diâmetros de 0,7 e 0,8 cm e alturas de 0,45 e 0,5 cm, respectivamente.

As contas de vidro com esta gama cromática são substancialmente mais raras do que as suas congéneres azuis nos conjuntos da Idade do Ferro peninsular, não sendo contudo os exemplares da FVB caso isolado. Com efeito, documentaram-se igualmente exemplares deste tipo em Mesas do Castelinho, alguns dos quais contudo em contextos já de cronologia republicana (Estrela 2019: 208). Outros exemplares do Centro e Norte de Portugal provêm igualmente de contextos com cronologias relativamente dilatadas (Gomes 2012). Não existem, contudo, razões para duvidar da antiguidade das duas contas vermelhas da FVB, que deverão integrar-se no conjunto vítreo pré-romano do sítio, provavelmente com uma cronologia entre o século VI e o V a.n.e..

Finalmente, o rol das contas esféricas monócromas encerra-se com dois exemplares que apresentam

actualmente uma coloração amarelada que parece contudo resultar de fenómenos pós-deposicionais, intuindo-se que estas peças teriam originalmente uma coloração branca leitosa. Estas duas contas, englobáveis na Variante 2.a.3 (Fig. 10, nn. 207-208), apresentam ambas diâmetros de 1 cm e alturas de 0,75 e 0,8 cm e perfazem 0,7% do conjunto total.

As contas de tonalidade branca são, também elas, pouco correntes nos conjuntos da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, havendo ainda assim a mencionar a sua presença na Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001: 32). Peças análogas ocorrem igualmente em ambientes mais setentrionais, como no Cabeço das Fráguas (Sabugal) (Santos – Schattner 2010: Fig. 16), no Vale da Malhada (Sever do Vouga) e talvez na Cítania de Santa Luzia (Viana do Castelo) (Gomes 2012).

Já no território espanhol, caberia mencionar a presença de contas análogas às da Variante em apreço na necrópole de La Angorrilla (de la Bandera Romero – Ferrer Albelda 2014: 455) e no santuário de La Algaida (Ruano Ruiz – Moreno Nuño – Pellus 1996: 108-109), bem como, talvez, na necrópole de La Albufereta (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400).

Os contextos das peças andaluzas, sem dúvida os mais precisos de entre os vários paralelos citados, permitem balizar a circulação destas peças no Sudoeste peninsular entre os finais do século VII ou, mais provavelmente, o século VI e o século IV a.n.e., sem que possa contudo excluir-se uma cronologia mais tardia para outros exemplares, nomeadamente os que se documentam mais a Norte.

2.1.2.b. Tipo 2.b – Monócromas com superfícies enrugadas (Fig. 10, n. 209)

O conjunto da FVB inclui ainda uma outra conta monócroma de tendência *grosso modo* esférica e coloração melada mas que, ao contrário das peças do Tipo 2.a, apresenta superfícies irregulares, de aparência enrugada, efeito aparentemente intencional e decorativo. Este exemplar, o único do seu tipo na necrópole lacobrigense, tem um diâmetro de 1 cm e uma altura de 0,85 cm e representa uns meros 0,3% do conjunto total em análise.

Ainda que o aspecto “rústico” desta peça pudesse levar a pensar, numa primeira instância, numa falha de produção ou mesmo numa degradação das superfícies, não só a peça em apreço parece, numa

observação atenta, encontrar-se em bom estado de conservação, como conta com paralelos quase exactos no conjunto da necrópole da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74) e, talvez, na do Cerro do Ouro (Ourique)², que permitem pensar que corresponde a uma produção específica com características decorativas particulares.

Infelizmente, este tipo encontra-se ainda pouco individualizado e caracterizado, não contando por agora com outros paralelos expressivos fora do âmbito regional já referido, pelo que pouco mais se pode acrescentar sobre o seu enquadramento geral. Ainda assim, estas peças devem datar-se, também elas, de um intervalo entre os séculos VI e V a.n.e., consistente com a datação global dos três conjuntos funerários citados.

2.1.2.c. Tipo 2.c – Polícromas (Fig. 10, nn. 210-260; Fig. 11; Fig. 12, nn. 274-278)

Apesar de não tão abundantes como as suas congéneres monócromas, as contas dotadas de decoração policroma estão também muito bem representadas no conjunto da FVB, fundamentalmente por exemplares oculados mas também, num número reduzido de casos, dotados de pequenas aplicações esféricas.

As peças esféricas simples com decoração oculada, correspondentes à Variante 2.c.1 (≈RR4.B.1), são de longe as mais abundantes dentro deste Tipo, podendo, tal como as suas congéneres anulares, dividir-se em duas Sub-variantes em função da sua gama cromática. Assim, a Sub-variante 2.c.1.a corresponde a peças com uma matriz azul turquesa e decoração oculada a branco e azul de cobalto, somando 27 exemplares, isto é, 9,1% do total do conjunto (Fig. 10, nn. 210-236).

Quanto às suas dimensões, apesar de serem algo variáveis, oscilando os diâmetros entre os 0,7 e os 1,2 cm e as alturas entre os 0,4 e os 0,8 cm, a análise do padrão de dispersão dos valores de correlação entre ambas as variáveis que pode observar-se no gráfico superior da Fig. 14 não parece indiciar a existência de módulos morfométricos diferenciados.

Já no que à sua decoração diz respeito, as peças englobadas na Sub-variante 2.c.1 apresentam igualmente alguma variabilidade. Com efeito, e se é certo que todos os exemplares apresentam oculações com

² Materiais em depósito no MNA, actualmente em estudo.

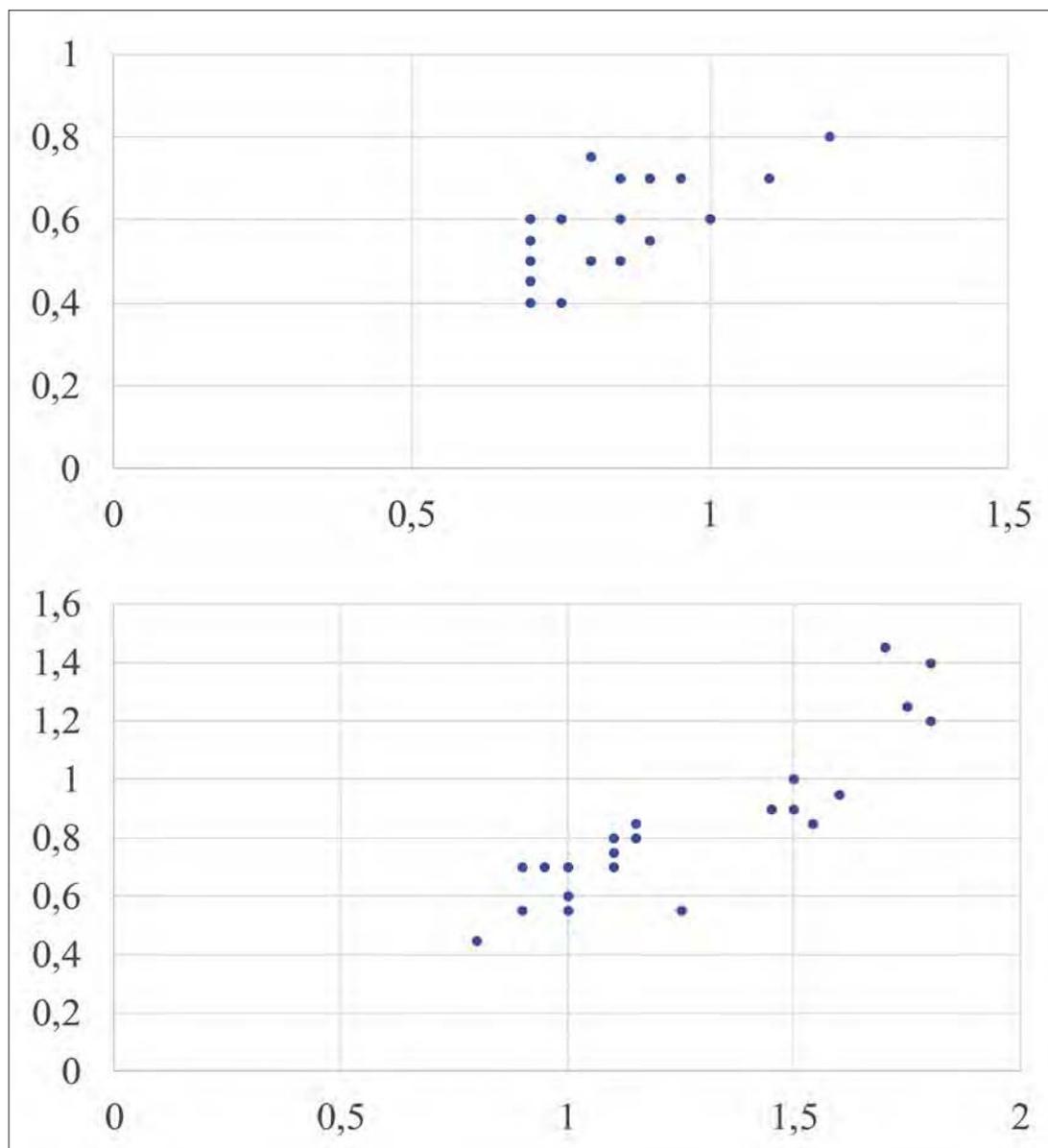


FIG. 14 Mapa de dispersão dos valores da correlação diâmetro/ altura dos exemplares das Variantes 2.c.1.a e 2.c.1.b.

estruturas pluriestratificadas, a disposição das oclações varia, documentando-se tanto peças com oclações individuais dispostas linearmente ao longo do eixo transversal, enquadrando-se portanto no padrão A de Eisen/ Ruano Ruiz já comentado, como outros exemplares que ostentam oclações duplas, igualmente dispostas de forma linear, correspondendo portanto ao padrão B dos mesmos autores (cf. Eisen 1916: 13; Ruano Ruiz 1995b: Fig. 4; 2000: Cuadro n.º 1).

Este tipo de contas, que correspondem em boa medida ao protótipo por excelência das contas ocladas da Idade do Ferro do Sul peninsular, constituem, conjuntamente com as contas monócromas azuis de

cobalto, um dos tipos mais frequentes e mais difundidos nos repertórios de elementos de adorno vítreos pré-romanos na região em análise.

Com efeito, num entorno geográfico mais ou menos próximo, pode mencionar-se a presença de peças deste tipo na necrópole da Hortinha (Lagos), contígua à da FVB³, na de Cômoros da Portela (Veiga 2005 [1891]: 259; Est. XXVIII, n. 8) e talvez no povoado do Monte Molião (Arruda *et al.* 2016: 95-96). A estes exemplos devem somar-se, já no Alentejo, os exemplares das necrópoles da Herdade do Gaió (Costa

³ Materiais em depósito no MNA, actualmente em estudo.

1967; 1972), do Galeado (Vila Nova de Milfontes) (Beirão – Gomes 1983: 226; Fig. 16), do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) (Gomes 2016: Est. CXX-XIX), da Nora Velha (Soares – Martins 2013: Fig. 5), da Mealha Nova (Dias – Beirão – Coelho 1971: 219) e da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), bem como, possivelmente, os dos conjuntos funerários de Corte Margarida (Aljustrel) (Deus – Correia 2005) e do Cerro do Ouro⁴. Em contextos não funerários haveria a assinalar os exemplares do povoado de Fernão Vaz (Ourique) (Beirão – Gomes 1986: Fig. 2; v. tb. Correia – Parreira 2002: 42), do santuário de Corvo I (Castro Verde) (Maia – Maia 1987) e do povoado das Mesas do Castelinho (Estrela 2019: 205-206).

Ainda em território alentejano, mas mais a Norte, deve citar-se a presença de contas deste tipo nas necrópoles da Vinha das Calças 4 (Gomes 2015: Fig. 1; v. tb. Arruda *et al.* 2017), do Monte do Bolor 1-2 (Beja) (Soares *et al.* 2017: 284-285), de Pisões (Bargão – Fernandes 2017: 415 e Fig. 8) e talvez também na de Palhais (Beja) (Santos *et al.* 2017: 238), bem como, já no Alentejo Central, na necrópole da Tera (Mora) (Rocha 2005; Mataloto 2010-2011: 92) e, no Alto Alentejo, no povoado da Cabeça de Vaimonte (Fabião 2001: 204).

Já no âmbito da Extremadura e do Baixo Tejo caberia referenciar a presença de peças semelhantes na gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra) (Calado *et al.* 2017: 535-536; Fig. 3), nos povoados da Quinta do Almaraz (Almada) (Filardi 2011: Fig. 1.6.1), de Freiria (Cardoso – Encarnação 2013: Fig. 71), do Moinho da Atalaia (Amadora) (Pinto – Parreira 1978), de Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.* 2016: Fig. 5), da Alcáçova de Santarém (Arruda 1999-2000: 216) e de Moinhos Velhos (Torres Vedras) (Monteiro – Cardoso 2016: Est. 5). Não faltam também abundantes exemplos deste tipo de contas em ambientes mais setentrionais (Rocha 1971: 128; Santos – Batata 2005; Santos – Schattner 2010: Fig. 16; Gomes 2012).

As contas azuis turquesa oculadas a branco e azul de cobalto são também uma presença frequente nos contextos sidéricos do território espanhol, podendo citar-se, meramente como exemplos, as peças da necrópole de Medellín (Almagro Gorbea 2008: 397-398), de Cancho Roano (Zalamea de la Serena)

(Jiménez Ávila 2003: 276), de El Jardal (Jiménez Ávila 2001: 116), de Pajares (Jiménez Ávila 1999: 145) ou do Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel 1989: 258), todos na Extremadura.

Também na Andaluzia se encontram documentadas peças idênticas, nomeadamente na necrópole de Cádiz (Perdigones – Muñóz – Pisano 1990: 42), no santuário de La Algaida (Ruano Ruiz – Moreno Nuño – Pellus 1996: 108-109), na necrópole púnica de Puente de Noy (Almuñécar) (Molina – Ruiz – Huertas 1982: Fig. 19) e no depósito votivo da Calle Zacatín de Granada (Sol Plaza *et al.* 2018: Fig. 5). Já no Levante, caberia salientar a presença de contas do tipo em apreço na necrópole orientalizante de Les Casetes (García Gandía 2009: 139-140) e nas necrópoles ibéricas de La Albufereta (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400) e de El Cigarralejo (Ruano Ruiz – Hoffman – Rincón 1995: 191-192).

Como já mencionado a propósito das contas anulares da Sub-variante 1.b.1.a, o esquema cromático e decorativo dos exemplares em apreço estabelece um claro vínculo de identidade entre estes elementos e uma série de contas documentadas em diversos contextos fenícios e púnicos do Mediterrâneo Central e Ocidental. Desde logo, pode citar-se a presença de contas oculadas similares às da FVB no vasto conjunto de Ibiza (Ruano Ruiz 1996: 48). A estas poderiam somar-se, sem pretensões de exaustividade, exemplos de Mozia e Palermo (Giannelaro 2008: Tav. XV-XVI e XX-XXII), de Monte Sirai, Sant'Antioco, Tharros e Othoca (Uberti 1975: Tav. XLIII-XLV; 1993: Tav. XV-XVII; Muscuso 2017) ou da metrópole púnica de Cartago (Docter – Sonneveld 2009: 138; Eremin *et al.* 2012: 30).

Como se pode apreciar por esta enumeração, que estará longe de ser exaustiva, o tipo em apreço é francamente comum e transversal, não sendo fácil definir as suas balizas cronológicas ou mesmo culturais, sobretudo quando é sabido que a produção de contas oculadas tem uma larga história e conheceu diversas manifestações e iterações em ambientes culturais e cronológicos muito distintos (cf. Eisen 1916; Venclovà 1983; Spaer 1985; Ruano Ruiz 1995b).

Ainda assim, e olhando especificamente para o padrão documentado no Sudoeste Peninsular, parece poder uma vez mais afirmar-se que o período de maior circulação e consumo de contas do tipo aqui analisado

⁴ Material muito fragmentário em depósito no MNA, actualmente em estudo.

corresponde a uma etapa entre os finais do século VII e o século IV a.n.e., sem excluir naturalmente eventuais prolongamentos.

A segunda Sub-variante dentro do conjunto das peças esféricas com decoração oculada, aqui designada Sub-variante 2.c.1.b, engloba peças com uma matriz de aparência negra e oculações realizadas a branco e, também aparentemente, a negro (Fig. 10, nn. 237-260; Fig. 11). Deve contudo pontualizar-se que, num bom número de casos, existem evidências de que o vidro destas contas, que, à vista desarmada, apresenta uma tonalidade negra, corresponde na verdade a vidro verde muito escuro, situação que ocasionalmente se evidencia nas áreas de contacto ou de contaminação entre o vidro “negro” e o vidro branco das oculações.

Poderia assim suspeitar-se que o vidro “negro” destas e de outras contas do mesmo tipo documentadas no território meridional português corresponderá na verdade ao chamado vidro “naturalmente colorido”, isto é, vidro ao qual não se acrescentou nenhum modificador cromático (colorante ou descolorante) e que portanto apresenta uma tonalidade verde “garrafa” mais ou menos escura resultante da concentração de impurezas de Ferro procedentes da matéria-prima (Degryse – Shortland 2019: Table 1). Esta hipótese parece de resto suportada pelos resultados arqueométricos obtidos para alguns exemplares “negros” da Vinha das Calças 4 (Costa *et al.* 2018: 9-10).

A presença destas impurezas poderia ser acidental, embora para outros contextos europeus onde o vidro “negro” está também bem documentado se tenha argumentado que os artesãos vidreiros seleccionariam especificamente matérias-primas – concretamente areias – ricas em ferro com o intuito de obter essas tonalidades negras (Conte *et al.* 2018). O facto de as contas “negras” do Sudoeste peninsular constituírem um grupo bastante bem definido e homogéneo, como se verá, poderia também sugerir uma selecção intencional do mesmo género nos centros onde se produziu o vidro utilizado para a produção destas peças.

Em todo o caso, a Sub-variante correspondente a este esquema cromático soma um total de 37 exemplares, correspondentes a 12,5% do conjunto total, sendo portanto a mais representativa dentro da amostra de contas decoradas recolhidas na FVB.

Quanto às suas dimensões, e contrariamente ao ocorrido com os exemplares da Sub-variante 2.c.1.a, a observação da distribuição dos valores da correlação entre os diâmetros e as alturas destas peças, patente no gráfico inferior da Figura 14, sugere a existência de três módulos morfométricos bem diferenciados: um módulo médio, com diâmetros entre os 0,8 e os 1,3 cm e alturas entre os 0,45 e os 0,8 cm, que soma 23 exemplares; um módulo grande, entre os 1,45 e os 1,65 cm de diâmetro e os 0,8 e os 1,1 cm de altura, representado por nove exemplares; e um módulo muito grande, constituído por apenas cinco contas de dimensões muito consideráveis, apresentando nomeadamente diâmetros entre os 1,7 e os 1,8 cm e alturas entre os 1,1 e os 1,45 cm.

As peças desta Sub-variante apresentam também um certo grau de variabilidade ao nível da estrutura e composição das suas decorações. Com efeito, aprecia-se neste conjunto a presença tanto de contas providas de oculações monoestratificadas (isto é, com oculações compostas por uma única camada branca e uma única camada “negra”), num total de seis exemplares, como das mais habituais oculações pluriestratificadas, claramente patentes em 23 contas.

Deve contudo assinalar-se que o vidro branco utilizado nas oculações destas peças parece ter sido particularmente degradável, tendo praticamente desaparecido em muitos dos exemplares. Este factor de conservação diferencial, plausivelmente resultante da composição do vidro branco empregue nestas decorações, parece ter conferido uma maior fragilidade às oculações destas peças, que em pelo menos oito exemplares não se conservam de todo, o que impede a correcta aferição da estrutura que terão originalmente ostentado.

Quanto à distribuição destas decorações oculadas pela peça, o panorama é igualmente variável, registando-se, uma vez mais, peças com oculações individuais distribuídas linearmente ao longo do eixo transversal da peça, correspondentes portanto ao padrão A de Eisen/ Ruano Ruiz (31 exemplares), bem como uma única peça com oculações duplas, distribuídas também elas ao longo do equador da peça, configurando uma decoração afim ao padrão B dos citados autores (cf. Eisen 1916: 13; Ruano Ruiz 1995b: Fig. 4; 2000: Cuadro n.º 1).

Neste conjunto observa-se contudo um terceiro padrão de distribuição das ocluações, não inventariado por Gustavus Eisen nem por Encarnación Ruano Ruiz mas recorrente no grupo das contas “negras” oculadas a branco do Sul português. Neste padrão, observável nos cinco exemplares de grandes dimensões antes referidos, as ocluações, individuais, em lugar de se distribuírem linearmente ao longo do eixo da peça, distribuem-se de forma alternada em dois planos distintos. Esta ordenação das ocluações poderia aproximar-se tentativamente do esquema c) proposto para as contas oculadas mediterrâneas por Maud Spaer (1985).

A distribuição e cronologia das contas “negras” oculadas a branco e “negro” assimiláveis à Sub-variante 2.c.1.b da FVB levantam uma série de problemáticas de grande interesse para o estudo do vidro pré-romano no Sul do actual território nacional. Desde logo, caberia assinalar que as peças deste tipo são virtualmente ubíquas nos sítios da Idade do Ferro nessa região e nas suas áreas limítrofes, mas praticamente desconhecidas fora dos seus limites, o que configura um sugestivo padrão de distribuição de natureza eminentemente regional, como haverá oportunidade de assinalar.

Assim, as contas do tipo em apreço encontram-se documentadas, no Algarve, nos conjuntos das necrópoles de Cômoros da Portela (Veiga 2005 [1891]: 259; Est. XXVIII, n. 8), de Père Jacques (Viana – Formosinho – Veiga 1953), dos Gregórios (Silves) (Barros *et al.* 2005: 49; Fig. 4), de Alagoas (Botto 1899: 28; Vasconcelos 1919-1920: 100) e do Ameixial (Loulé) (AA.VV. 2017: 252; cf. Franco – Viana 1945).

Já no território alentejano devem mencionar-se os exemplares das necrópoles da Herdade do Gaio (Costa 1967; 1972), de Almogrove (Odemira) (Veiga 2005 [1891]: Est. XXXI; Vilhena 2014: Fig. 5), do Par-dieiro (Odemira) (Beirão 1990: 111-113), talvez da de Corte Margarida (Deus – Correia 2005), das da Mealha Nova e da Herdade do Pêgo (Dias – Beirão – Coelho 1970: 218), da Favela Nova (Ourique) (Dias – Coelho 1983: 201-202), da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), da Chada (Ourique) (*idem*: Fig. 29), de Fernão Vaz (Ourique) (Beirão 1972: Fig. 5), da Nora Velha (Soares – Martins 2013: Fig. 5), do Cerro do Ouro (Beirão – Gomes 1984: 442), da Vinha das Caliças 4 (Gomes 2015: Fig. 1; v. tb. Arruda *et al.* 2017), do Monte do Bolor 1-2 (Soares *et al.* 2017: Fig. 18), talvez da de

Palhais (Santos *et al.* 2017: 257), da da Quinta do Estácio 6 (Beja) (Pereiro – Mataloto – Borges 2017: 319), das do Poço Novo 1 e da Fareleira 2 (ambas na Vidi-gueira) (Figueiredo – Mataloto 2017: Figs. 8 e 10) e da de Quinta do Castelo 5 (Calvo Rodríguez – Simão 2017: 404 e Fig. 2). Fora, mas próxima, do território nacional, a necrópole de El Jardal forneceu também uma conta de colar integrável nesta tipologia (Jiménez Ávila 2001: 116).

Por outro lado, em contextos de povoado, caberia citar os exemplares de Mesas do Castelinho (Estrela 2019: 205) e da Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001: 204) e, já na Baixa Estremadura, da Quinta do Almaraz (Filardi 2011: Fig. 1.6.1).

O rol de paralelos antes enunciado parece delimitar uma geografia muito concreta para a distribuição deste tipo de contas de colar, com escassos ou mesmo nulos paralelos fora do Sul português e áreas limítrofes da Baixa Extremadura espanhola, parcialmente coincidente, aliás, com a de outras contas “negras” com gramáticas decorativas distintas (v. Gomes 2015: Tipo 2.b.1), merecedoras no futuro de estudo mais aprofundado. Adiante tecer-se-ão alguns comentários adicionais sobre os possíveis significados desta distribuição.

Quanto à cronologia do tipo de contas que aqui nos ocupa, caberia recordar que as mesmas mereceram particular atenção por parte de Caetano de Mello Beirão, que considerava as contas “negras” oculadas a branco e “negro” como o tipo mais antigo dentro do repertório de elementos vítreos por si exumado em diversas necrópoles baixo-alentejanas, atribuindo-lhes uma cronologia centrada no século VI a.n.e. (Beirão 1986: 89).

Embora a ideia de uma precedência cronológica destas peças em relação às de tonalidade azul não pareça sustentável (v. Fabião 2001: 205), a hipótese daquele autor sobre o enquadramento cronológico das contas “negras” mantém-se ainda plenamente vigente, saindo aliás reforçada pela presença de contas deste tipo nas várias necrópoles de recintos da área de Beja antes mencionadas, cujas cronologias se centram também fundamentalmente naquela centúria (Arruda *et al.* 2017; Figueiredo – Mataloto 2017; Pereiro – Mataloto – Borges 2017; Santos *et al.* 2017; Soares *et al.* 2017).

Existem, no entanto, alguns raros casos que permitem pensar num prolongamento da produção e/ou

uso das peças deste tipo ainda na centúria seguinte. O caso mais evidente parece ser o da necrópole do Cerro do Ouro, na qual se recuperou um conjunto de contas “negras” oculadas a branco e “negro” contidas no interior de uma urna cinerária tipologicamente enquadrável já no século V a.n.e. (Beirão – Gomes 1984: 442)⁵.

Também a necrópole de El Jardal, onde estas contas estão representadas, mesmo que pontualmente, foi datada pelo responsável do seu estudo fundamentalmente do século V a.n.e. (Jiménez Ávila 2001). Finalmente, poderia também recordar-se a ocorrência de contas análogas no Túmulo 4 da necrópole do Pardieiro (Beirão 1990), cuja tipologia arquitectónica e a posição periférica dentro do conjunto da necrópole sugerem poder datar-se, também ela, daquela mesma centúria. Assim, parece plausível assumir que a produção/ circulação destas contas conheceu a sua máxima expressão durante o século VI a.n.e., prolongando-se, de forma aparentemente diminuída, até, pelo menos, os meados da centúria seguinte.

Aparte das contas oculadas simples até aqui discutidas, na FVB foram também recuperadas duas contas oculadas geminadas, que constituem a Variante 2.c.2 do quadro tipológico aqui proposto (0,7% do conjunto total) (Fig. 12, nn. 274-275). Estas peças são cromática e decorativamente idênticas às contas esféricas azuis turquesa oculadas a branco e azul ultramarino da Sub-variante 2.c.1.a, diferenciando-se apenas pelo seu carácter geminado.

Naturalmente, e dada a sua escassa representatividade quantitativa neste e noutros conjuntos, não pode excluir-se que estas peças geminadas se destinassem originariamente a ser transformadas em contas da mencionada Sub-variante, acabando contudo o processo de corte das mesmas por não ser realizado. No entanto, a presença reiterada, apesar de minoritária, de peças geminadas noutros conjuntos, e o facto de os exemplares em apreço se apresentarem perfeitamente conectados e não parcial ou incompletamente divididos, como ocorre com algumas peças geminadas de outros tipos, parece indicar a necessidade de individualizar estas peças dentro do repertório da FVB.

No que às suas dimensões diz respeito, as contas oculadas geminadas da necrópole lacobrigense apresentam diâmetros de 0,6 e 0,95 cm e alturas de 0,9 e 1,25 cm, respectivamente. As oculações de ambas apresentam uma estrutura pluriestratificada, distribuindo-se ao longo do eixo transversal da peça, numa configuração própria do padrão A de Eisen/Ruano Ruiz (cf. Eisen 1916: 13; Ruano Ruiz 1995b: Fig. 4; 2000: Cuadro n.º 1).

Como já foi mencionado, as contas do tipo em apreço não são especialmente abundantes nos conjuntos de referência do Sudoeste Peninsular, podendo ainda assim mencionar-se a presença de exemplares análogos aos da FVB no povoado das Mesas do Castelinho (Estrela 2019: 205) e em Pajares (Jiménez Ávila 1999: Fig. 3, n. 2), a que poderia somar-se, mais a Norte, um exemplar de Santo Estévão da Facha (Gomes 2012: n. 458). Curiosamente, todos estes exemplares podem enquadrar-se cronologicamente no século IV a.n.e., embora o paralelismo destas peças com os exemplares simples da Sub-variante 2.c.1.a permita pensar numa cronologia algo mais dilatada tanto para o tipo como, especificamente, para os exemplares da FVB.

Finalmente, o elenco das contas esféricas e derivadas providas de decorações policromas encerra-se com três exemplares de matriz “negra” que destacam no contexto do Sudoeste peninsular pela raridade do seu esquema decorativo. Estas peças, que representam a Variante 2.c.3 (≈RR4.B.2) (1% do conjunto total) (Fig. 12, nn. 276-278), apresentam com efeito particularismos bastante marcados.

Por um lado, em lugar das habituais composições já comentadas, as oculações destas peças apresentam uma estrutura complexa. A base de cada oculação, de grandes dimensões, realizou-se mediante a técnica habitual, sobrepondo a uma primeira camada de vidro branco uma camada de vidro “negro”; contudo, em lugar de novas camadas alternantes brancas e “negras”, o campo delimitado por esta grande oculação albergou, no interior do disco negro, cinco pequenos óculos brancos dispostos em aspa ou, num caso, em cruz.

Este padrão decorativo pode aproximar-se conceptualmente do padrão E definido por Gustavus Eisen e retomado por Encarnación Ruano Ruiz (cf. Eisen 1916: 17; Ruano Ruiz 1995b: Fig. 4; 2000: Cuadro

⁵ Este recipiente cinerário, actualmente em depósito no MNA, encontra-se em estudo.

n.º 1), embora não correspondendo exactamente ao esquema ilustrado por aqueles autores.

Por outro lado, a decoração destas contas foi ainda complementada mediante a aplicação de pequenas esférulas de coloração amarela de cádmio. Estes elementos encontram-se muito mal conservados em dois dos exemplares, mas o terceiro (n. 277) permite observar que se terão aplicado três destas esférulas em cada um dos espaços entre oculações formando linhas longitudinais.

Note-se que a aplicação de esférulas amarelas como elemento decorativo em contas de vários tipos, não sendo comum, é bem conhecida em vários dos conjuntos do Sudoeste peninsular que vêm sendo referidos no presente trabalho (Fabião 2001: 204; Gomes 2015: Tipos 1.b.2 e 3.b.1), estando igualmente referenciadas no quadro tipológico de Encarnación Ruano Ruiz (2000: Tipos 4.b.2 e 5.b.1), que inventaria vários outros casos peninsulares (*idem*: 74-75 e 122).

No entanto, deve assinalar-se que em nenhum destes casos se aprecia a existência de composições decorativas similares, sobretudo na medida em que as peças com oculações complexas do tipo que caracteriza as peças da FVB em apreço parecem ser sumamente raras no território peninsular, ainda que não desconhecidas, como atesta um exemplar da Inumação 12 da necrópole Martí de Ampúrias (Almagro Basch 1953).

Dito isto, os únicos paralelos parciais possíveis para as peças da FVB no seu contexto regional mais imediato poderiam ser um exemplar “negro” da Herdade do Gaio descrito como «...decorada com gomos azuis e amarelos...» (Costa 1972: 103), o que poderia corresponder a uma decoração de esférulas aplicadas, e um exemplar da Fonte Santa, muito similar às peças em apreço mas com oculações aparentemente simples⁶. O único paralelo exacto para as contas da necrópole algarvia em apreço procede de Ibiza, (Ruano Ruiz 1996: Fig. 8, n.3), de um contexto infelizmente não precisado.

Em face da sua raridade, não contamos com elementos de juízo suficientes para delimitar as balizas cronológicas das peças da FVB aqui estudadas, que contudo deverão recair num intervalo cronológico

comparável com o das demais contas “negras” oculadas, mas também com as peças de outras tipologias dotadas de aplicações esféricas amarelas, que parecem distribuir-se preferencialmente pelos séculos VI e V a.n.e..

2.1.3. Grupo 3 – Contas cilíndricas/ tubulares (≈ RR5) (Fig. 12, nn. 279-294)

O terceiro grande grupo morfológico documentado no conjunto das contas de vidro da Idade do Ferro da FVB engloba peças de morfologia *grosso modo* cilíndrica, variando entre peças que poderiam classificar-se como tubulares e outras que apresentam lados ligeiramente convexos sem contudo chegar a assumir uma configuração geral fusiforme.

Embora possam paralelizar-se, em termos gerais, com o grupo das contas cilíndricas recolhidas por Encarnación Ruano Ruiz no seu Tipo 5 (Ruano Ruiz 2000: 193), as peças da FVB parecem corresponder a produções cuja distribuição se centra, uma vez mais, no Sul do actual território nacional, não sendo fáceis de enquadrar na citada tipologia de referência, como haverá oportunidade de observar.

Quantitativamente, o Grupo das contas cilíndricas da FVB soma um total de apenas 15 exemplares, correspondentes a 5% do conjunto total aqui analisado. Apesar da sua reduzida dimensão, este conjunto pode dividir-se em dois Tipos diferenciados: o Tipo 3.a, que corresponde a contas cilíndricas monócromas, e o Tipo 3.b, representado por um único exemplar decorado policrómo.

2.1.3.a. Tipo 3.a – Monócromas lisas (Fig. 12, nn. 279-293)

Tal como já foi mencionado, dentro do grupo das contas cilíndricas da FVB as contas monócromas lisas são totalmente predominantes, somando 14 dos 15 exemplares que integram o referido Grupo. Dentro desse conjunto, as peças incolores ou esbranquiçadas (semi-)translúcidas correspondentes à Variante 3.a.1 (Fig. 12, nn. 279-286) são as mais frequentes, somando um total de 7 indivíduos (2,4% do conjunto total).

Esta Variante abrange um grupo diverso de peças, quer no que diz respeito à sua morfologia quer às suas dimensões. Assim, verifica-se a presença de um pequeno núcleo de três contas incolores, translúcidas, muito estreitas e perfeitamente tubulares com

⁶ Peça depositada no Museu Nacional de Arqueologia, actualmente em estudo.

diâmetros entre os 0,4 e os 0,5 cm e comprimentos entre os 1,75 e os 2,5 cm, e de quatro contas esbranquiçadas, semi-translúcidas, todas elas infelizmente fragmentárias, o que impede aferir os seus comprimentos originais, oscilando contudo os seus diâmetros entre os 0,45 e os 0,7 cm. A estas peças poderia somar-se o exemplar putativamente atribuído à necrópole de Cômoros da Portela, muito similar às últimas contas antes descritas, embora de dimensões algo superiores (1 cm de diâmetro x 2,7 cm de comprimento).

As contas cilíndricas incolores e/ou esbranquiçadas não constituem um grupo frequente nos repertórios vítreos pré-romanos peninsulares. No Sul do actual território português, em contrapartida, documentam-se vários bons paralelos para as peças da FVB, incluindo exemplares das necrópoles da Herdade do Gaio (Costa 1967; 1972), da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), da Vinha das Caliças 4 (Gomes 2015: Fig. 1; v. tb. Arruda *et al.* 2017), da Quinta do Castelo 5 (Calvo Rodríguez – Simão 2017: 404) e de Pisões (Bargão – Fernandes 2017: 415 e Fig. 8). Em contextos não funerários caberia ainda mencionar um exemplar procedente da Quinta do Almaraz (Filardi 2011: Fig. 1.6.1).

Fora do território nacional, os exemplares paralelizáveis com as contas em apreço são escassos, podendo ainda assim referir-se os exemplares procedentes da vizinha Extremadura, concretamente de Talavera la Vieja (Cáceres) (Jiménez Ávila – Ortega Blanco 2006: Fig. 1). Podem também rastrear-se alguns raros potenciais paralelos para estas peças fora da Península Ibérica, concretamente na necrópole de Tharros, na Sardenha (Uberti 1975: Tav. XLII; 1993: Tav. XV).

Ainda assim, e em face do exposto, as peças do tipo em apreço, conjuntamente com as das Variantes seguintes (v. *infra*, Variante 3.a.2 e 3.a.3), parecem uma vez mais desenhar uma geografia de distribuição limitada, essencialmente centrada no Sul português. Por outro lado, os paralelos aduzidos sugerem também um certo grau de coerência cronológica, centrando-se fundamentalmente no século VI a.n.e., e talvez na sua segunda metade, sem excluir eventuais perdurações nos inícios da centúria seguinte.

A segunda Variante dentro do Tipo 3.a, composta por contas cilíndricas com lados ligeiramente convexos, translúcidas e de coloração verde azeitona

(Variante 3.a.2), encontra-se apenas ligeiramente menos representada do que a anterior, somando um total de seis exemplares (2% do conjunto total) (Fig. 12, nn. 287-292). Destas peças, duas encontram-se muito incompletas, permitindo ainda assim as duas restantes aferir que as suas dimensões oscilariam entre os 0,9 e os 1,1 cm de diâmetro e os 1,9 e os 2 cm de comprimento.

Estes exemplares, com claras afinidades tipológicas com os da Variante anterior, parecem ser mais raros no panorama regional, documentando-se apenas um possível paralelo, procedente de Mesas do Castelhinho, recolhido contudo num contexto já de Época Romana (Estrela 2019: 204). Assim, de momento, não contamos com elementos de juízo para aferir da cronologia desta Variante, podendo contudo propor-se que o seu desenvolvimento decorre em paralelo com o das suas congéneres da Variante 3.a.1.

Por fim, o rol das contas cilíndricas monócromas da FVB encerra-se com um único exemplar de dimensões relativamente grandes (1,1 cm de diâmetro x 2,35 cm de comprimento) e coloração melada escura (Fig. 12, n. 293). Esta Variante 3.a.3 corresponde portanto a apenas 0,3% do conjunto total.

As contas deste tipo são algo mais frequentes nos repertórios regionais que as das Variantes anteriores, documentando-se paralelos para as mesmas na necrópole da Herdade do Gaio (Costa 1967; 1972), na da Mealha Nova e na do Pêgo (Dias – Beirão – Coelho 1970: 219), na da Favela Nova (Dias – Coelho 1983: 201-202), na da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74) e na sepultura de Montinhos 6 (Serpa) (Soares – Baptista – Rodrigues 2016: Fig. 3) bem como, talvez, na necrópole de Valdelagrulla (Badajoz) (Menéndez Menéndez *et al.* 2013: Fig. 12; Menéndez Menéndez – Gibello Bravo – Jiménez Ávila 2015: Figs. 5-6). Este panorama é consistente, tanto do ponto de vista geográfico como cronológico, com o anteriormente observado para as contas da Variante 3.a.1.

2.1.3.b. Tipo 3.b – Polícroma (\approx RR5.B) (Fig. 12, n. 294)

Dentro do grupo morfológico das contas cilíndricas haveria a registar a presença de uma única peça decorada policroma, concretamente uma conta de matriz “negra” com decorações em pluma a branco obtidas mediante a aplicação de fios de vidro branco transversais ao eixo de rotação da conta que foram

seguidamente deformados por arrastamento para obter o efeito desejado. Esta técnica decorativa é bem conhecida nas produções vítreas pré-romanas do Mediterrâneo, sendo amplamente utilizada na decoração de recipientes sobre núcleo friável já desde os inícios da produção do Grupo Mediterrâneo 1 de Poul Fossing (1940), Donald Harden (1981) e David Grose (1989).

Não sendo comuns, as contas deste tipo ou de tipos similares encontram-se ainda assim documentadas nalguns contextos do Sudoeste peninsular, incluindo um exemplar recolhido em Faro por Estácio da Veiga (2005 [1891]: Est. XXVIII, n. 9) e um exemplar procedente da necrópole do Pêgo (Dias – Beirão – Coelho 1970: 219). Exemplares próximos deste tipo foram ainda recolhidos nas necrópoles de Almogrove (Veiga 2005 [1891]: Est. XXXI; Vilhena 2014: Fig. 5), na do Ameixial (AA.VV. 2017: 252), na da Herdade do Gaio (Costa 1967; 1972) e na de Corte Margarida (Deus – Correia 2005: Fig. 3).

O tipo não é igualmente desconhecido noutros ambientes peninsulares, como demonstra a sua presença nos conjuntos do Castillo de Doña Blanca (Ruano Ruiz 2001a: 58) e da necrópole de La Albufereta (Ruano Ruiz 1995a: 194; Verdú Parra 2015: 391-400). Já em contextos peninsulares, estas peças contam com alguns paralelos em ambientes fenícios e púnicos do Mediterrâneo Ocidental e Central, nomeadamente em Ibiza (Ruano Ruiz 1996: Fig. 12; Mapa n.º. 5; 2000: 75), em Mozia (Giammellaro 2008: Tav. XIX) e em Tharros (Uberti 1975: 118 e Tav. XLIV; 1993: Tav. XVI).

Os paralelos antes referidos para a Variante 3.b.1 da FVB sugerem um arco cronológico fundamentalmente centrado entre os séculos VI e V, ou possivelmente os inícios do IV a.n.e., o que pode considerar-se consistente com a cronologia de uso de gramáticas decorativas análogas nos recipientes sobre núcleo friável do Grupo Mediterrâneo 1, já referida.

2.1.4. Grupo 4 – Conta galonada (≈ RR6)

2.1.4.a. Tipo 4.a – Polícroma (≈ RR6.B) Variante 4.a.1 – Azul de cobalto com banda transversal branca (Fig. 12, n. 295)

As contas galonadas, um grupo relativamente frequente dentro dos conjuntos de contas de colar vítreas pré-romanas peninsulares, encontram-se representadas

na FVB por um único exemplar, que tipifica o Tipo 4.a, Variante 4.a.1 da classificação aqui proposta (0,3% do conjunto total).

Curiosamente, este exemplar isolado da necrópole algarvia diverge da grande maioria das peças deste tipo documentadas no Sudoeste peninsular, habitualmente monócromas, ao ostentar uma matriz azul de cobalto e uma única banda transversal decorativa de vidro branco. Quanto às suas dimensões, esta conta apresenta um diâmetro de 1,4 cm e uma altura de 1,25 cm.

Ao contrário das contas galonadas monócromas, que estão apesar de tudo bem representadas nos conjuntos do território português, nomeadamente na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Gomes 2016: Est. CXXXIX) e nos povoados de Mesas do Castelinho (Estrela 2009: 204), da Cabeça de Vaia Monte (Fabião 2001: 203), da Quinta do Almaraz (Filardi 2011: Fig. 1.6.1), do Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.* 2016: Fig. 5) e, mais a Norte, de Pragança (Melo – Pimenta 2020: Fig. 9), os exemplares decorados são sumamente raros no âmbito regional, e não só. Ainda assim, deve assinalar-se que a conta em apreço conta com um paralelo exacto numa conta da necrópole da Fonte Santa que se encontra depositada no MNA⁷, bem como numa outra, mais distante, procedente de Ibiza, infelizmente sem contexto preciso (Ruano Ruiz 1996: 65 e Fig. 13). Note-se também a presença de uma peça muito similar recolhida na necrópole de Mozia (Giammellaro 2008: Tav. XVI, n. 105).

Este último exemplar parece datar de um intervalo centrado nos séculos VI a IV a.n.e., ao passo que o paralelo oferecido pela peça alentejana antes citada poderia sugerir uma cronologia centrada nos séculos VI-V a.n.e. para este tipo de contas, cronologia de resto compatível com a dos exemplares galonados monócromos documentados noutras áreas peninsulares (cf. Ruano Ruiz 1996: 65).

2.1.5. Grupo 5 – Conta fusiforme (≈ RR7)

2.1.5.a. Tipo 5.a – Monócroma (Fig. 12, n. 296)

O Grupo formal das contas fusiformes encontra-se francamente sub-representado quer no conjunto da FVB quer, de forma mais lata, no repertório das contas

⁷ Materiais actualmente em estudo.

vítreas da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular. Na necrópole lacobrigense recuperou-se com efeito um único exemplar, monócromo, de tonalidade melada, que constitui o representante exclusivo do Tipo 5.a (0,3% do conjunto total). Esta conta apresenta um diâmetro de 0,65 cm e uma altura de 1,3 cm.

Não foi possível rastrear quaisquer paralelos exactos para esta singular peça recolhida por António Santos Rocha nos conjuntos do Sul português e territórios adjacentes que se têm vindo a citar nas páginas precedentes. A própria tipologia de referência de Encarnación Ruano Ruiz só contempla peças fusiformes decoradas, policromas, não recensando portanto peças que possam considerar-se análogas ao exemplar em apreço.

Assim, e à falta de elementos concretos de juízo, esta conta só pode datar-se em função das balizas cronológicas genéricas da própria necrópole, cujo uso se centra nos séculos VI e V a.n.e..

2.1.6. Grupo 6 – Conta bitroncónica

2.1.6.a. Tipo 6.a – Polícroma

Variante 6.a.1 – “Negra” com decoração de plumas a branco (Fig. 12, n. 297)

O grupo formal das contas bitroncónicas encontra-se igualmente pouco representado no conjunto da FVB, contando também ele com uma única representante, que permite estabelecer o Tipo 6.1, Variante 6.a.1 da classificação aqui apresentada (0,3% do conjunto total). Esta peça apresenta uma matriz aparentemente negra, opaca e nada lustrosa, e uma decoração de plumas realizadas mediante a técnica já referida a propósito da peça do Tipo 3.b, embora neste caso mais regular e bem conseguida.

Tal como o exemplar fusiforme antes comentado, esta peça não conta, também ela, com qualquer referente regional, não se enquadrando igualmente em qualquer dos grupos tipológicos estabelecidos por Encarnación Ruano Ruiz (2000: 193). Fora da Península Ibérica, esta peça conta contudo com um paralelo relativamente aproximado numa conta recolhida em Mozia, infelizmente sem cronologia atribuída (Spammellaro 2008: Tav. XIX, n. 125).

Assim, não dispomos uma vez mais de evidências que permitam afinar as balizas cronológicas deste tipo de contas. Pelas razões já anteriormente aduzidas,

a decoração de plumas poderia contudo evidenciar uma cronologia centrada no já habitual intervalo cronológico dos séculos VI e V a.n.e., confirmado de resto pela cronologia global da necrópole.

2.1.7. Grupo 7 – Conta espiraliforme (≈ RR10)

2.1.7.a. Tipo 7.a – Monócroma (≈ RR10.A.1)

Variante 7.a.1 – Verde (Fig. 12, n. 298)

Finalmente, o repertório formal das contas de vidro pré-romanas da FVB encerra-se com uma peça, também ela única, que, apesar de se encontrar algo desgastada, parece apresentar uma configuração discóide e uma estrutura espiraliforme, o que permite aproximá-la das peças recolhidas por Encarnación Ruano Ruiz no seu Tipo 10 (Ruano Ruiz 2000: 193). O exemplar algarvio, opaco e de coloração verde gelo, apresenta um diâmetro de 1,4 cm e uma altura de 0,8 cm. Esta conta constitui a única representante do Tipo 7.a, Variante 7.a.1, que soma apenas 0,3% do conjunto total.

As peças do tipo em apreço são, ao que parece, desconhecidas noutros conjuntos sidéricos do Sudoeste peninsular. Pelo contrário, é possível rastrear algumas peças espiraliformes, mas produzidas em vidro de melhor qualidade e geralmente translúcido ou semi-translúcido, nalguns contextos já de Época Romana, como as recolhidas pelo próprio Estácio da Veiga em Faro e em Torre d’Ares (Veiga 2005 [1891]: Est. XXIII, nn. 9 a 11) ou uma peça procedente da necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires (Gomes 2013: Fig. 2, n. 26).

Em todo o caso, e embora sejam francamente pouco comuns, parece que a produção de peças deste tipo se encontra também documentada durante a Idade do Ferro, embora no âmbito peninsular só se documentem em Ampúrias, numa sepultura do século V a.n.e. (Almagro Basch 1953: 136), e em Ibiza (Ruano Ruiz 1996: 68 e Fig. 16). Assim, parece lícito pensar que o exemplar algarvio aqui analisado poderá também ele enquadrar-se nessas produções espiraliformes pré-romanas, datando porventura do século V a.n.e. como o seu congénere gironense.

2.2. Uso(s) e contexto(s) das contas de vidro da Fonte Velha de Bensafrim

Expostas em detalhe as características morfológicas e decorativas das contas de vidro da FVB, importa também procurar sintetizar e interpretar, na medida

do possível, os dados disponíveis sobre o contexto arqueológico preciso destas contas e os usos que conheceram por parte da comunidade que depôs os seus mortos na necrópole lacobrigense.

Esse exercício depara-se, contudo, com sérias dificuldades, resultantes da data recuada em que se realizaram as intervenções de Estácio da Veiga e António dos Santos Rocha no sítio. Com efeito, e apesar dos reconhecidos méritos de ambos, os métodos de registo em uso no final do século XIX não nos permitem hoje restituir com o detalhe que desejaríamos os contextos e usos das peças aqui estudadas.

Assim, e por um lado, deve recordar-se que uma parte significativa das contas exumadas pelos dois responsáveis das escavações na FVB não se encontra atribuída a sepulturas concretas. Noutros casos, existem referências à procedência de determinados conjuntos de contas de uma mesma sepultura, mas não se identifica de forma cabal a posição dessa sepultura no conjunto global da necrópole.

Em todo o caso, os dados veiculados por Estácio da Veiga e António Santos Rocha permitem ainda assim restituir algumas associações contextuais dignas de nota (Fig. 15). Começando pelas intervenções mais antigas, pode individualizar-se um conjunto de 36 contas esféricas monócromas azuis de cobalto (Variante 2.a.1) e três contas anulares com as mesmas características cromáticas (Variante 1.a.1) (Veiga 2005 [1891]: Est. XXVIII, n. 2) procedente da primeira sepultura metodicamente escavada por Estácio da Veiga na FVB (*idem*: 251-252), aqui designada EV1, no interior da qual se exumou igualmente um pequeno anel de cobre (ou de bronze?) (*idem*: Est. XXIX, n. 2).

Um segundo conjunto provém da sepultura identificada sob a construção quadrangular romana escavada por Estácio da Veiga (*idem*: 253), aqui designada EV2. Esta circunstância permite identificar com segurança a estrutura sepulcral da qual provêm as 17 contas esféricas e a conta anular, todas elas monócromas azuis de cobalto e de grandes dimensões (Variantes 1.a.1 e 2.a.1), que compõem este conjunto (*idem*: Est. XXIX, n. 1). Nesta mesma sepultura exumaram-se ainda um pequeno aro ou anel de ouro (*ibidem*), três peças de bronze interpretadas por Estácio da Veiga como braceletes (*idem*: Est. XXIX, nn. 1, 3-4), mas que, como já foi referido, bem poderiam corresponder, pelo menos nalgum dos casos, a aros de fíbulas anulares hispânicas (*idem*: Est. XXIX,

n. 1), a que se somavam ainda fragmentos de um recipiente cerâmico, actualmente desaparecidos.

Outro conjunto, neste caso composto por seis contas esféricas “negras” com oclusões a branco e “negro” de dimensões médias e grandes (Sub-variante 2.c.1.b) e por uma conta “negra” com oclusões múltiplas e aplicações a amarelo de cádmio (Variante 2.c.3) (*idem*: Est. XXVIII, n. 5), procede de uma sepultura não identificada (EV3), mas que continha, segundo o testemunho do responsável pela sua escavação, fragmentos muito degradados de uma ponta de lança de ferro (*idem*: Est. XXIX, n. 18) e de uma outra peça de ferro identificada como pingente mas que, como já se mencionou, parece na verdade corresponder a um qualquer elemento indeterminado muito deteriorado (*idem*: Est. XXIX, n. 19), a que se somariam duas argolas de bronze de função indeterminada (*idem*: Est. XXIX, nn. 10-11).

Finalmente, um último conjunto explicitamente referido por Estácio da Veiga (EV4) inclui quatro contas esféricas monócromas azuis de cobalto (Variante 2.a.1), a conta cilíndrica negra com decoração em pluma a branco (Variante 3.b.1), a conta galonada azul com decoração em banda branca (Variante 4.a.1) e a conta bitroncocónica com decoração em pluma a branco (Variante 5.a.1) (*idem*: Est. XXVIII, n. 6). Segundo este autor, a estas peças associar-se-ia ainda a conta verde azulada (*teal*) com decoração fitomórfica acima comentada (Fig. 4), que pelas razões antes mencionadas deverá considerar-se como um elemento intrusivo (*ibidem*). Estes exemplares encontrar-se-iam associados a restos de uma lança de ferro (*idem*: Est. XXIX, n. 17) e de um objecto paralelepípedo de chumbo (*idem*: 254-255).

Neste contexto deve contudo notar-se que cada um destes grupos que, de acordo com o testemunho explícito do seu descobridor, correspondem a conjuntos fechados que comporiam o(s) elemento(s) de adorno compósito(s) que acompanhariam inumações específicas, foi devidamente individualizado por Estácio da Veiga na excepcional documentação gráfica que acompanha a descrição dos seus trabalhos na FVB. Assim, e apesar da falta de indicações directas, podemos presumir, com as devidas reservas, que também os restantes colares ilustrados pelo erudito balsense correspondem a conjuntos exumados em associação numa mesma sepultura, que não lhe mereceram outra

SEPULTURA	CONTAS	OUTROS MATERIAIS
EV1 (Est. XXVIII, 2)	Variante 1.a.1 (3 exs.) – nn. 1, 3-4. Variante 2.a.1 (36 exs.) – nn. 105, 113-116, 123-127, 129-141, 145-147, 150-154, 167-169, 176.	Anel de cobre ou bronze.
EV2 (Est. XXVIII, 1)	Variante 1.a.1 (1 ex.) – n. 15. Variante 2.a.1 (17 exs.) – nn. 182-185, 188-192, 194-196, 198-201, 203.	Anel de ouro, braceletes (?) e possível aro de fíbula anular hispânica de bronze, fragmentos de recipiente cerâmico.
EV3 (Est. XXVIII, 5)	Sub-variante 2.c.1.b (6 exs.) – nn. 243, 249, 253, 257, 268-269. Variante 2.c.3 (1 ex.) – n. 276.	Ponta de lança de ferro, pingente (?) de ferro, duas argolas de bronze.
EV4 (Est. XXVIII, 6)	Variante 2.a.1 (4 exs.) – actualmente não individualizadas. Variante 3.b.1 (1 ex.) – n. 294. Variante 4.a.1 (1 ex.) – n. 295. Variante 6.a.1 (1 ex.) – n. 297. Conta azul esverdeada (<i>teal</i>) com decoração fitomórfica (v. Fig. 4) (?).	Lança de ferro, objecto paralelepípedo de chumbo (?).
EV5 (?) (Est. XXVIII, 3)	Variantes 1.a.1 e 2.a.1 (95 exs.) – actualmente não individualizadas, possivelmente parte do conjunto formado pelos nn. 5-14, 22-95, 106-111, 117-120 (= MNA 983.1184.4)	Desconhecido.
EV6 (?) (Est. XXVIII, 4)	Sub-variantes 1.b.1.a e 2.c.1.a (17 exs.) – actualmente não individualizadas, possivelmente incluem o conjunto formado pelos nn. 210-213, 219-220, 222-224, 226, 229-230, 234-236 (=MNA 983.1184.3)	Desconhecido.
EV7 (?) (Est. XXVIII, 7)	Sub-variante 3.a.1 (7 exs.) – nn. 279-282, 284-286. Sub-variante 3.a.3 (1 ex.) – n. 293.	Desconhecido.
SR9 (= COLAR 2)	Sub-variante 2.c.1.b (13 exs.?) – nn. 239, 242, 251-252, 255-256, 258-260, 262, 264-266.	Estela com inscrição em escrita do Sudoeste.

FIG. 15 Conjuntos de contas por sepultura (associações seguras ou prováveis).

menção por não conterem qualquer outro tipo de espólio ou de elemento distintivo.

Assim, e como hipótese, poderia igualmente considerar-se que uma outra sepultura (EV5?) continha um conjunto de 95 contas anulares e esféricas monócromas azuis de cobalto (Variantes 1.a.1 e 2.a.1) (*idem*: Est. XXVIII, n. 3). De outro conjunto funerário (EV6?) procederiam 17 contas anulares e esféricas azuis turquesa oculadas a branco e azul ultramarino (Sub-variantes 1.b.1.a e 2.c.1.a) (*idem*: Est. XXVIII, n. 4). Finalmente, de uma última putativa sepultura (EV7?) proviriam oito exemplares cilíndricos, sete dos quais aparentemente incolores/ esbranquiçados (Variante 3.a.1) e outro de tonalidade melada (Variante 3.a.3) (*idem*: Est. XXVIII, n. 7).

Não pode ainda assim deixar de se observar que o cômputo geral das contas de colar atribuídas, de forma segura ou meramente hipotética, a sepulturas concretas – 189 exemplares no total – deixa ainda assim de fora uma percentagem significativa do conjunto antes analisado, que ascende a quase um quinto do inventário total (44 contas, correspondentes a 18,8% do conjunto recolhido por Estácio da Veiga).

Não temos quaisquer indicações que nos permitam reconstruir o contexto original de achado destas peças, que tanto poderão proceder de outras sepulturas como corresponder a achados de superfície ou descontextualizados, quiçá dispersos pela necrópole como resultado das violações sofridas pelas sepulturas sidéricas durante o período romano. Se se aceitar que todos os

colares cuidadosamente ilustrados por Estácio da Veiga correspondem a conjuntos procedentes de contextos mais ou menos fechados, talvez se deva considerar que a última hipótese é a mais provável, resultando a omissão dos exemplares não ilustrados pelo autor das *Antiguidades Monumentais do Algarve* do seu carácter de achados isolados e/ou sem contexto claro.

Passando agora aos exemplares exumados por António Santos Rocha na FVB, caberia salientar que os dados para aferir da sua posição original na necrópole são manifestamente escassos. Com efeito, o único conjunto passível de individualização corresponde às peças procedentes da Sepultura 9 da numeração atribuída pelo arqueólogo figueirense aos conjuntos por si escavados, e correspondente à sepultura em que o mesmo identificou uma inscrição em caracteres do Sudoeste.

Segundo o seu descobridor, corresponderiam a contas «...esféricas e feitas de vidro preto, conservando restos de esmalte branco. (...) [E]ram formadas por um núcleo quadrangular de vidro negro (...) coberto por laminazinhas alternadas de vidro negro e de esmalte branco» (Rocha 1975 [1896]: 134), que podem identificar-se, no todo ou em parte, com um conjunto de treze contas esféricas “negras” oculadas a branco e “negro” médias e grandes (Sub-variante 2.c.1.b) actualmente agrupadas num único colar exposto no MMSR.

Ainda em relação a esta sepultura e às contas de colar nela contidas, o responsável da sua escavação oferece aquela que constitui a única informação directa sobre a posição e disposição das contas de colar vítreas nas sepulturas da FVB, afirmando que «[n]a sepultura da inscrição ibérica nós pudemos observar a verdadeira situação das contas de vidro. Estavam junto ao crânio e dispostas seguidamente em duas curvas na direcção transversal da sepultura» (*ibidem*). Esta observação confirma de forma cabal que as contas desta sepultura formariam um colar, aparentemente de duas voltas.

As restantes contas recolhidas por António Santos Rocha encontram-se actualmente reunidas no MMSR em dois outros colares. No entanto, neste caso, não se pode assumir que esses colares correspondem a conjuntos procedentes de contextos fechados, já que a listagem sumária dos conteúdos de cada sepultura oferecida por aquele autor referencia pelo menos seis

outras sepulturas que teriam contido contas de colar (Sepulturas 2, 4, 8, 11, 12 e 13 – cf. Correia 1995-1997: Quadro 1), pelo que *a priori* se intui que os dois colares restantes actualmente expostos no Museu da Figueira da Foz incluirão peças procedentes de contextos sepulcrais diversos.

Em todo o caso, se aceitarmos que os sete conjuntos ilustrados por Estácio da Veiga procedem de outras tantas sepulturas, a que se somariam as sete em que António Santos Rocha indica ter exumado contas de colar de vidro, pode observar-se que quase metade das sepulturas da FVB continha elementos deste tipo.

Uma outra limitação insanável da documentação recolhida nas escavações de final do século XIX na FVB diz respeito à total desvalorização dos restos humanos preservados nas sepulturas então escavadas, que não mereceram a atenção dos responsáveis pelas referidas escavações e não parecem sequer ter sido recolhidos, como aliás Estácio da Veiga expressamente reconhece (Veiga 2005 [1891]: 254). Assim, não dispomos de quaisquer dados antropológicos que nos permitam abordar a questão da identidade dos portadores dos elementos de adorno formados pelas contas aqui analisadas, nomeadamente no que diz respeito aos seus perfis de género e etários.

Este facto é duplamente lamentável pelo facto de a data recuada desta escavação ter resultado na obliteração de uma informação que poderia ajudar a suprir o sério défice de dados antropológicos para a Idade do Ferro em todo o Sul português. Com efeito, noutras necrópoles, e por razões distintas (prática da cremação ou fenómenos tafonómicos adversos à preservação da matéria orgânica), os dados antropológicos para a restituição de um perfil para os portadores destes elementos são igualmente escassos ou nulos.

Ainda assim, podem evocar-se alguns casos felizmente mais bem caracterizados que poderiam ajudar a contextualizar os materiais da FVB. Assim, e no entorno geográfico mais imediato, caberia recordar o exemplo da cista dos Gregórios, em Silves, na qual se documentou a presença de um conjunto de contas vítreas associado a um enterramento feminino (Barros *et al.* 2005: 49 e Fig. 4). Note-se, por sinal, que na sepultura silvense estes objectos de adorno se encontram associados a uma lança de ferro (*idem*: 49 e Fig. 3),

situação análoga à que Estácio da Veiga documentou em duas das sepulturas da FVB por si escavadas e já anteriormente referenciadas.

Importantes dados antropológicos têm também sido recolhidos nas escavações das abundantes necrópoles de recintos da área de Beja, recentemente escavadas no contexto da implantação da rede de irrigação do Alqueva. Na Vinha das Calças 4, por exemplo, foi possível observar uma forte tendência de associação entre as contas de vidro e os enterramentos femininos, não estando documentado qualquer caso claro de associação destes elementos a sepulturas masculinas (Gomes 2015; v. tb. Arruda *et al.* 2017: Tabela 1). A mesma tendência parece observar-se na necrópole do Monte do Bolor 1-2, ainda que aqui se tenha documentado pelo menos uma conta vítrea num enterramento masculino (Soares *et al.* 2017: Tab. 1).

A necrópole de Medellín parece, no entanto, apresentar uma tendência inversa. Nos poucos casos em que se pôde realizar o diagnóstico sexual dos restos osteológicos associados a contas de vidro, os mesmos foram atribuídos a indivíduos masculinos (Almagro-Gorbea 2008: Fig. 517); note-se contudo que na maioria das sepulturas que continham contas de vidro esse diagnóstico sexual não foi possível. Pelo contrário, a necrópole de La Angorrilla aproxima-se significativamente do perfil das necrópoles da região de Beja, na medida em que todos os exemplares de vidro documentados neste conjunto funerário procedem de sepulturas femininas (de la Bandera Romero – Ferrer Albelda 2014: Tabla 1).

É certo que a atribuição de elementos concretos de cultura material a um determinado género na ausência de dados antropológicos fiáveis deve, no estado actual dos nossos conhecimentos, suscitar muitas reservas. Não obstante, em face dos dados proporcionados por estes outros conjuntos funerários do Sudoeste peninsular, *grasso modo* contemporâneos da FVB, parece lícito pensar que as contas de colar da necrópole lacobrigense, ou pelo menos a maioria delas, provirá de sepulturas femininas. Como vimos, a associação pontual de elementos desta natureza a armas não contraria necessariamente esta leitura, na medida em que essa mesma associação está igualmente documentada regionalmente na sepultura dos Gregórios, ela sim seguramente feminina (Barros *et al.* 2005).

Com base nos poucos dados contextuais disponíveis, pouco mais se pode dizer sobre os padrões de uso e deposição das contas de colar da FVB e dos elementos de adorno que terão incorporado, ou sobre o perfil dos seus portadores. A observação detalhada das próprias peças permite, no entanto, tecer algumas considerações adicionais sobre o seu uso.

Com efeito, e numa análise macroscópica, com todas as limitações correspondentes, uma proporção significativa das contas da FVB revela a presença de marcas que poderiam hipoteticamente resultar de um uso mais ou menos prolongado das mesmas, que se manifesta na presença de arestas desgastadas ou de micro-lascamento em torno dos respectivos orifícios de suspensão.

189 das peças estudadas (63,6% do conjunto total) apresentam, com efeito, marcas dessa natureza: 54 apresentam desgaste e micro-lascamento claros, 31 desgaste e micro-lascamento discretos ou pouco claros, 76 apresentam apenas micro-lascamento e 28 apresentam apenas desgaste. Em 108 exemplares (36,4%) não se observaram quaisquer putativas marcas de uso observáveis a olho nu. A distribuição destas possíveis marcas de uso pelos distintos tipos e variantes de contas encontra-se expresso no gráfico inferior da Fig. 16.

Naturalmente, é possível que muitos dos estigmas observados nestas peças resultem de factores não relacionados com o seu uso, já digam eles respeito ao processo de produção ou a fenómenos pós-deposicionais. Ainda assim, e até que estejam reunidas as condições para realizar análises mais aprofundadas das mesmas, parece importante assinalar a presença destas possíveis marcas de uso.

Caso se reconheçam enquanto tal, estas marcas sugerem que os elementos de adorno compostos por estas contas terão sido, em muitos casos, usados pelos defuntos (ou pelos seus próximos) em vida, de forma mais ou menos frequente, antes de terem sido amortizados como parte da indumentária seleccionada para as cerimónias fúnebres e para a sua deposição. Tal facto sugere que esses elementos **não terão sido expressamente adquiridos para integrar essa indumentária fúnebre** mas que, pelo contrário, foram seleccionados para integrar a mesma como resultado do valor e dos significados sociais que lhes haviam sido previamente outorgados pelo defunto e pela comunidade.

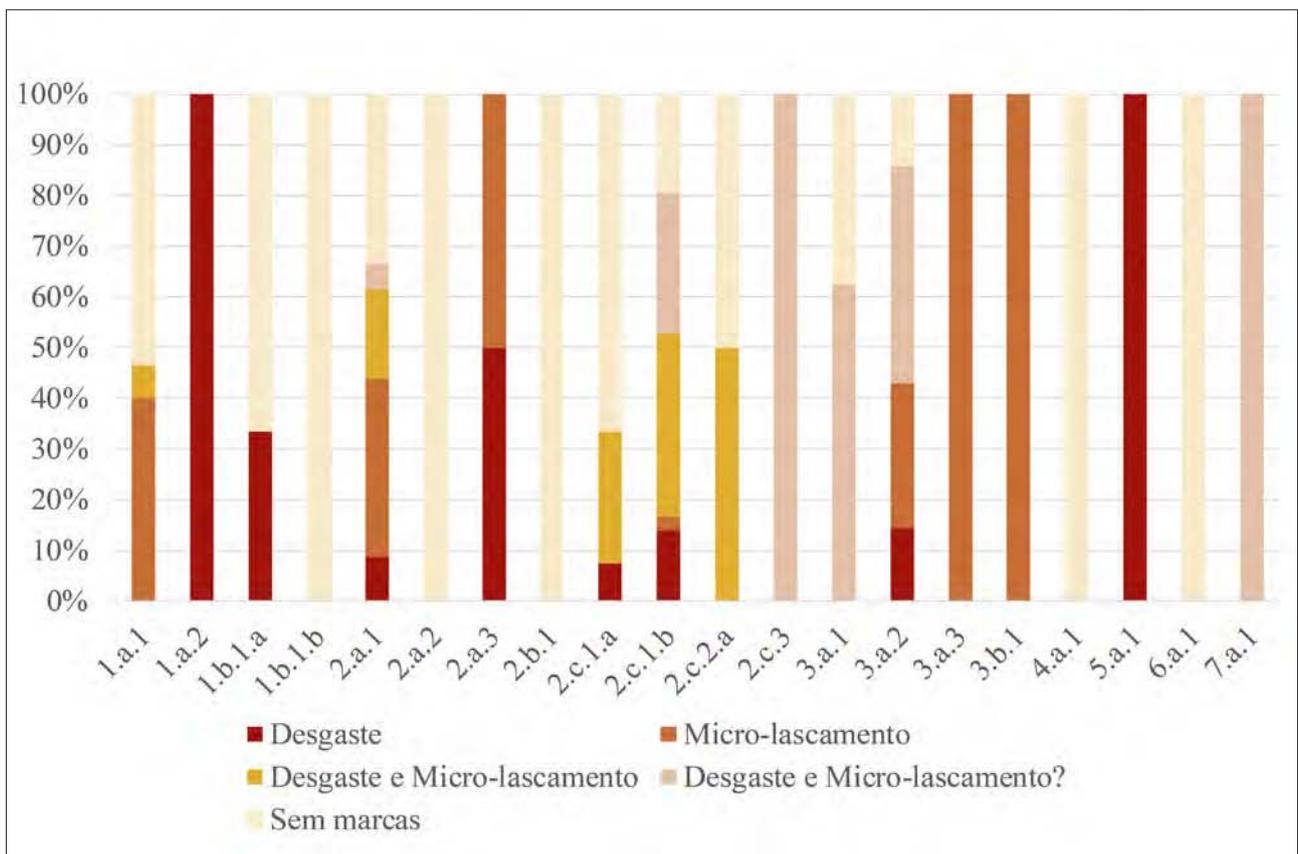
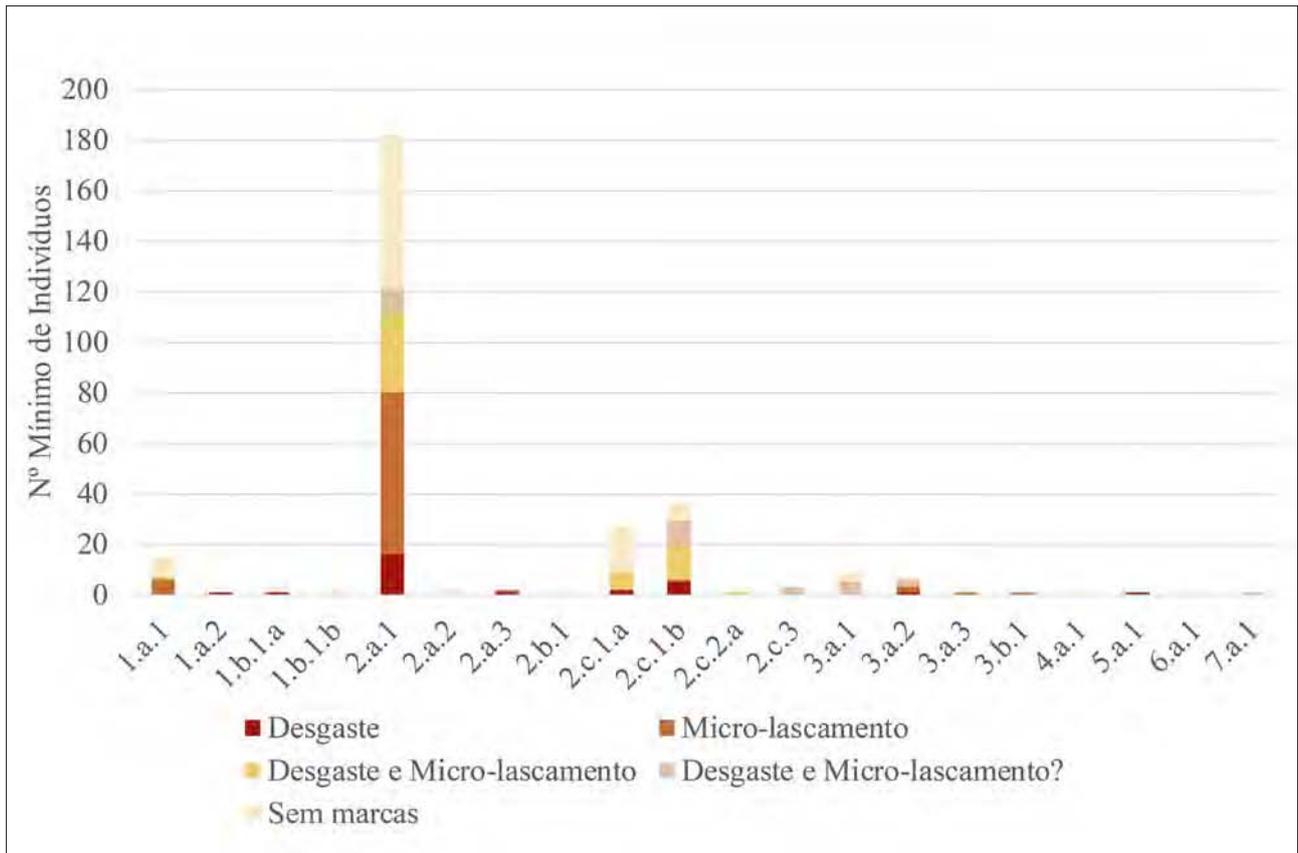


FIG. 16 Incidência das possíveis marcas de uso (desgaste e micro-lascamento) por tipo e variante (valores absolutos e valores relativos).

3. O CONJUNTO VÍTREO DA IDADE DO FERRO DA FONTE VELHA DE BENSFRIM NO SEU CONTEXTO REGIONAL

Os elementos de adorno recuperados durante as intervenções de Estácio da Veiga e António Santos Rocha na FVB constituem uma amostra sumamente representativa dos repertórios deste tipo de materiais presentes nos contextos da Idade do Ferro do Sul de Portugal. Com efeito, e embora de um ponto de vista estritamente quantitativo não alcance a dimensão dos da Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001), da Vinha das Caliças 4 (Gomes 2015; Arruda *et al.* 2017) ou da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), o conjunto aqui analisado apresenta uma notável diversidade formal e decorativa que, mesmo que não abranja a totalidade dos tipos documentados na região, abarca tanto os grupos mais habituais, que aqui encontram abundante representação, como inclusivamente variantes raras ou mesmo únicas.

Como se observou acima mediante a enumeração dos paralelos de cada um dos Tipos, Variantes e Sub-variantes presentes na FVB, as proporções dos tipos mais representativos do conjunto algarvio é, a grandes rasgos, equiparável à que se documenta noutros sítios do território meridional português, não surpreendendo por isso a predominância das contas monocromas azuis de cobalto (Variantes 1.a.1 e 2.a.1) ou a apesar de tudo considerável representatividade das contas azuis turquesa oculadas a branco e azul ultramarino (Sub-variantes 1.b.1.a e 2.c.1.a).

A presença e representatividade numérica destes tipos, bastante transversais e que poderão, nalguns casos, ter sido produzidos num âmbito regional alargado (Fabião 2001: 202; Arruda *et al.* 2017: 93-94), permite alinhar o conjunto algarvio com o panorama geral do Sudoeste peninsular. No entanto, merece igualmente destaque a presença de outras variantes cuja difusão geográfica parece desenhar âmbitos mais restritos, que caberia investigar com maior detalhe no futuro.

Entre estas, destacam-se claramente os exemplares “negros” oculados a branco e “negro” (Sub-variantes 1.b.1.b e 2.c.1.b), cuja distribuição parece centrar-se num território muito concreto abrangendo parte do Algarve e o Baixo Alentejo, alcançando as necrópoles da área de Beja onde, por sinal, se registam contas esféricas “negras” com outros tipos de

decoração *sui generis*, como as que ostentam linhas onduladas a branco (Gomes 2015: Tipo 2.b.1; cf. tb. Arruda *et al.* 2017), de distribuição igualmente restrita, e estendendo-se pontualmente até à Extremadura espanhola (Jiménez Ávila 2001: 116). Também alguns dos exemplares cilíndricos “negros” decorados a branco citados acima (v. Variante 3.b.1) poderiam aproximar-se deste grupo de produções.

Também as peças cilíndricas/ tubulares monocromas da FVB (Variantes 3.a.1, 3.a.2 e 3.a.3) permitem desenhar uma geografia comparativamente restrita, centrada uma vez mais nos territórios algarvio e baixo-alentejano, estando especialmente bem representadas nas necrópoles da área de Beja, nomeadamente na da Vinha das Caliças 4 (Gomes 2015: Tipo 4.a.1; v. tb. Arruda *et al.* 2017).

O enquadramento de outros tipos aqui documentados permanece, de momento, problemático, pela escassez dos paralelos que foi possível aduzir para os mesmos. Ainda assim, notem-se as afinidades com outros conjuntos regionais, como o da Fonte Santa (Beirão 1986: 71-74), com o qual a FVB comparte diversos tipos francamente pouco habituais (p. ex., das Variantes 2.b.1, 3.c.1 ou 4.a.1). Estas similitudes ao nível da presença de tipos raros e quantitativamente residuais permite pensar na existência de vias de distribuição comuns, cuja geografia caberia tentar precisar com novos trabalhos e análises.

Finalmente, não pode deixar de se assinalar que a presença e uso das contas de vidro na necrópole da FVB se encontra perfeitamente alinhada com um padrão recorrente em muitas das áreas do Sul português, particularmente nas áreas do Algarve e do Alentejo caracterizadas por um povoamento eminentemente rural. Nessas áreas, a um investimento considerável nos cenários da morte corresponde uma amortização nos mesmos de certo número de elementos de prestígio (Arruda 2001; Gomes 2014; v. tb. Gomes 2016), que no quadro das economias políticas locais/regionais seguramente funcionariam como emblemas do estatuto e do poder aquisitivo das comunidades e especialmente dos indivíduos socialmente destacados dentro de cada uma delas.

Foi já observado que, dentro desse (limitado) rol de elementos de prestígio, as contas de colar em geral, e as de vidro em particular, ocupam um lugar destacado (Jiménez Ávila 2002-2003: 92-93), sendo de longe os

exótica mais frequentes nos abundantes contextos funerários algarvios e alentejanos da Idade do Ferro (Arruda 2001; Gomes 2014). O facto de estes elementos serem, em muitos casos, e também na FVB, os únicos elementos de espólio presentes nalgumas sepulturas poderia indicar a sua relativa acessibilidade, mas também a sua popularidade e a sua ampla aceitação e valorização no âmbito das práticas sociais, dos regimes de corporalidade e das estratégias de representação das comunidades locais.

Infelizmente, os condicionalismos decorrentes do período em que tiveram lugar as escavações levam a que a FVB não contribua de forma decisiva para iluminar os padrões de uso e os regimes de valor subjacentes ao consumo dos elementos vítreos aqui estudados. A análise do conjunto aqui tratado constitui contudo um contributo significativo para o conhecimento dos repertórios vítreos pré-romanos do Sul português.

Por extensão, contribui igualmente para uma melhor compreensão dos circuitos comerciais que permitiram a distribuição e redistribuição de materiais exógenos, e eventualmente também a transferência do *know how* artesanal necessário para a produção, mesmo que secundária, deste tipo de elementos.

Nesse sentido, o presente trabalho constitui um modesto tributo ao esforço pioneiro de Estácio da Veiga na publicação e valorização dos materiais vítreos da FVB, já devidamente destacado, e uma igualmente modesta achega para o desenvolvimento de um campo de estudo, o dos pequenos elementos de adorno da Idade do Ferro, que em Portugal se encontra ainda, apesar de tudo, num estado embrionário.

Lisboa, Abril de 2020

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às equipas do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Municipal Santos Rocha pelas facilidades concedidas no decurso do estudo dos materiais aqui apresentados. O presente trabalho não teria sido possível sem um conjunto de recursos bibliográficos compilados durante uma estadia de investigação na delegação de Madrid do Deutsches Archäologisches Institut, instituição a que agradeço, na pessoa da sua directora, Professora Doutora Dirce Marzoli, pelo acolhimento e o apoio prestados.

Bibliografia

- AA.VV. (2017) – *Loulé. Territórios, Identidades e Memórias*. Lisboa.
- ALMAGRO BASCH, M. (1953) – *Las necrópolis de Ampúrias*. Vol. I. Madrid.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2008) – Cuentas de collar y botones. In ALMAGRO GORBEA, M. (dir.) – *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid, 395-399.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:2, 207-291.
- ARRUDA, A. M. – BARBOSA, R. – GOMES, F. B. – SOUSA, E. de (2017) – A necrópole da Vinha das Calças 4 (Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 187-225.
- ARRUDA, A. M. – PEREIRA, C. (2012) – De Santa Olaia a Bensafrim: itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve. In VILAÇA, R. – PINTO, S. (coords.) – *Santos Rocha: A arqueologia e a sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz, 133-151.
- ARRUDA, A. M. – PEREIRA, C. – PIMENTA, J. – SOUSA, E. de – MENDES, H. – SOARES, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 42, 79-101.
- ARRUDA, A. M. – SOUSA, E. de – BARRADAS, E. – BATATA, C. – DETRY, C. – SOARES, R. M. (2017) – O Cabeço Guião (Cartaxo – Portugal): um sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. In CELESTINO PÉREZ, S. – RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E. (eds.) – *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid, 319-361.
- ARRUDA, A. M. – VIEGAS, C. – ALMEIDA, M.^a J. de (coords. cient.) (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa.
- de la BANDERA ROMERO, M. L. – FERRER ALBELDA, E. (2014) – Las joyas y adornos personales. In FERNÁNDEZ FLORES, Á. – RODRÍGUEZ AZOGUE, A. – CASADO ARIZA, M. – PRADOS PÉREZ, E. (coords.) – *La necrópolis de Época Tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*. Sevilha, 429-475.
- BARGÃO, P. – FERNANDES, D. (2017) – A necrópole de Pisões (Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 407-419.
- BARROS, P. – BRANCO, G. – DUARTE, C. – CORREIA, J. (2005) – A Cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. 5, 41-52.
- BATISTA, Á. (2013) – Vestígios arqueológicos na Freguesia de Rio de Moinhos – Abrantes. *Antrope*. 0, 28-50.
- BEIRÃO, C. de M. (1972) – Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do País. In *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 193-222.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1^{er} Âge du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. de M. (1990) – Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Estudos Orientais*. I, 107-118.
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1983) – A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes). *O Arqueólogo Português*. 4:1, 207-266.
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1984) – Coroplastia da Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *Volume d'Hommage au Géologue Georges Zbyzewsky*. Paris, 450-482.

- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1986) – Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. In de HOZ BRAZO, J. (ed.) – *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. Salamanca, 465-502.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989) – El asentamiento céltico del Castrejón de Capote (Higuera la Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 16, 245-295.
- BOTTO, J. (1899) – *Glossario critico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*. Faro.
- CALADO, M. – GONÇALVES, L. – MATALOTO, R. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2017) – Lapa da Cova: un santuario costero en los acantilados de Sesimbra (Portugal). In MARTÍNEZ ALCALDE, M. – GARCÍA CANO, J. M. – BLÁNQUEZ PÉREZ, J. – INIESTA SANMARTÍN, Á. (eds.) – *Mazarrón II. Contexto, viabilidad y perspectivas del barco B-2 de la bahía de Mazarrón. En homenaje a Julio Mas García*. Madrid, 525-545.
- CALVO RODRÍGUEZ, E. – SIMÃO, P. (2017) – La sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 399-405.
- CARDOSO, G. – ENCARNAÇÃO, J. d' (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira-Arqueologia*. II, 133-180.
- CONDE, J. F. – AGUA, F. – MALDONADO, S. – TORRES, J. de – PEREIRA, J. – VILLEGAS, M. A. – GARCÍA-HERAS, M. (2016) – Caracterización y estudio arqueométrico de un conjunto de vidrios de la Edad del Hierro de la necrópolis de Palomar de Pintado (Toledo, España). *digitAR*. 3, 83-92.
- CONTE, S. – ARLETTI, R. – HENDERSON, J. – DEGRYSE, P. – BLOMME, A. (2018) – Different glassmaking technologies in the production of Iron Age black glass from Italy and Slovakia. *Archaeological and Anthropological Sciences*. 10, 503-521.
- CORREIA, V. H. (1995-1997) – A epigrafia pré-latina de Bensafrim. *O Arqueólogo Português*. IV:13-15, 181-209.
- CORREIA, V. H. (1997) – As necrópoles algarvias da Idade do Ferro e a Escrita do Sudoeste. In BARATA, F. – PARREIRA, R. (coords.) – *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, 265-279.
- CORREIA, V. H. – PARREIRA, R. (2002) – *Cola. Circuito arqueológico*. Lisboa.
- COSTA, J. M. da (1967) – O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*. 5, 529-537.
- COSTA, J. M. da (1972) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio. In *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 97-120.
- COSTA, M. – ARRUDA, A. M. – DIAS, L. – BARBOSA, R. – MIRÃO, J. – VANDENABEELE, P. (2019) – The combined use of Raman and micro-X-ray diffraction analysis in the study of archaeological glass beads. *Journal of Raman Spectroscopy*. 50:2, 137-142.
- COSTA, M. (2010) – *Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inédita.
- DEGRYSE, P. – SHORTLAND, A. (2019) – Interpreting elements and isotopes in glass: a review. *Archaeometry*. S/N, S/P.
- DEUS, M. de & CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PÉREZ, S. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) – *El Período Orientalizante*. Madrid, 615-618.
- DIAS, M.^a M. A. – BEIRÃO, C. de M. – COELHO, L. (1971) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. 3:4, 175-219.
- DIAS, M.^a M. A. – COELHO, L. (1983) – Objectos arqueológicos dum túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*. 4:1, 197-206.
- DOCTER, R. – SONNEVELD, J. (2009) – Punic Glass from Carthaginian Settlement Excavations. *Carthage Studies*. 3, 125-146.
- EISEN, G. (1916) – The Characteristics of Eye Beads from the Earliest Times to the Present. *American Journal of Archaeology*. 20:1, 1-27.
- EREMIN, K. – DEGRYSE, P. – ERB-SATULLO, N. – GANIO, M. – GREENE, J. – SHORTLAND, A. – WALTON, M. – STAGER, L. (2012) – Iron Age glass beads from Carthage. In MEEKS, N. – CARTWRIGHT, C. – MEEK, A. – MONGIATTI, A. (eds.) – *Historical Technology, Materials and Conservation. SEM and Microanalysis*. Londres, 30-35.
- ESTRELA, S. (2019) – Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar). *Setúbal Arqueológica*. 18, 193-214.
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I Milénio a.C.: materiais da Cabeça de Vaíamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa, 197-228.
- FILARDI, V. H. (2011) – *Caracterização química de contas de vidro arqueológicas do século VII a.C. provenientes da Quinta do Almaraz, Cacilhas*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Inédita.
- FIGUEIREDO, M. – MATALOTO, R. (2017) – Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 353-398.
- FOSSING, P. (1940) – *Glass vessels before glass blowing*. Copenhaga.
- FRANCO, M. L. – VIANA, A. (1945) – O espólio arqueológico de José Rosa Madeira. *Brotéria*. 41:5, 386-419.
- GARCÍA GANDÍA, J. R. (2009) – *La necrópolis orientalizante de Les Casetes (La Vila Joiosa, Alicante)*. Alicante.
- GIAMMELARO, A. S. (2008) – *I Vetri della Sicilia Punica*. Roma.
- GOMES, F. B. (2013) – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal em depósito no Museu Nacional de Arqueologia. In ARNAUD, J. M. – MARTINS, A. – NEVES, C. (eds.) – *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa, 813-820.
- GOMES, F. B. (2014) – Importações mediterrâneas em contextos «Pós-Orientalizantes» do Sul de Portugal (séculos VI-IV a.n.e.). *Onoba*. 2, 27-44.
- GOMES, F. B. (2015) – Mediterranean goods in «Post-Orientalizing» funerary contexts of southern Portugal: some remarks on consumption, peripherality and cultural identity. ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M.^a – NOGALES BASARRATE, T. – RODÀ DE LLANZA, I. (eds.) – *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica: Centro y Periferia en el Mundo Clásico*. Vol. I. Mérida, 435-438.
- GOMES, F. B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na Idade do Ferro (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.
- GOMES, H. (2012) – *O Vidro Pré-Romano no Norte de Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Fernando Pessoa. Inédita.
- GOMES, M. V. (2010-2011) – Inscrição e iconografia do “disco”, de ouro, de Bensafrim (Lagos, Algarve). *Arqueologia&História*. 62-63, 117-125.

- GROSE, D. F. (1989) – *Early Ancient Glass*. Toledo.
- HARDEN, D. (1981) – *Catalogue of Greek and Roman Glass in the British Museum. Volume 1, Core- and rod-formed vessels and pendants and Mycenaean cast objects*. Londres.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1999) – Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares: estudio preliminar. In CELESTINO PÉREZ, S. (ed.) – *El Yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres. 1. Las Necrópolis y el Tesoro Áureo*. Cáceres, 139-152.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001) – La necrópolis de «El Jardal» (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estudio del ritual funerario del suroeste de la Iª Edad del Hierro. *Complutum*. 12, 113-122.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003) – Estructuras tumulares en el Suroeste Ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria peninsular. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. 42, 81-120.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2003) – Los objetos de pasta vítrea de Cancho Roano. In CELESTINO PÉREZ, S. (ed.) – *Cancho Roano VIII-IX: Los materiales arqueológicos*. Mérida, 263-291.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. – ORTEGA BLANCO, J. (2006) – Objetos de marfil, hueso y vidrio. Objetos varios. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres, 155-161.
- MAIA, M.ª – MAIA, M. (1986) – *Arqueologia da área mineira de Neves Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Castro Verde.
- MARTÍNEZ MIRA, I. – VILAPLANA ORTEGO, E. (2014) – Cuentas de collar de La Fonteta (Guardamar, Alicante) y La Peña Negra (Crevillente, Alicante): descripción y análisis instrumental. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.) – *La Fonteta-2. Estudio de los materiales arqueológicos hallados en la colonia fenicia de la actual desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante)*. Alicante, 848-931.
- MATALOTO, R. (2010-2011) – Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos sécs. VI-V aC. *Arqueologia&História*. 62-63, 77-100.
- MATIAS, C. (2004) – Serra do Socorro: uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural de Mafra*. 2003, 308-355.
- MELO, A. Á. de – PIMENTA, J. (2020) – Uma nova leitura do espólio das escavações de Leite de Vasconcelos no “Castro” de Pragança, Cadaval. Evidências de uma ocupação da Idade do Ferro. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 26, 77-104.
- MENÉNDEZ MENÉNDEZ, A. – SANABRIA MURILLO, D. – SÁNCHEZ HIDALGO, F. – GIBELLO BRAVO, V. M. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2013) – La necrópolis orientalizante de Valdelagrulla (Medellín, Badajoz). Datos preliminares. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. – BUSTAMANTE, M. – GARCÍA CABEZAS, M. (eds.) – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barrios, 999-1029.
- MENÉNDEZ MENÉNDEZ, A. – GIBELLO BRAVO, V. M. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2015) – El ajuar de la tumba XLVI de la necrópolis orientalizante de Valdelagrulla (Medellín, Badajoz). In MEDINA, N. (ed.) – *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Aroche, 453-473.
- MOLINA FAJARDO, F. – RUIZ FERNÁNDEZ, A. – HUERTAS JIMÉNEZ, C. (1982) – *Almuñécar en la Antigüedad*. Granada.
- MONTEIRO, M. – CARDOSO, G. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitás (Torres Vedras). *Emerita*. 2, 6-20.
- MUSCUSO, S. (2017) – I vetri e l’ambra. In GUIRGUIS, M. (ed.) – *La Sardegna Fenicia e Punica. Storia e Materiali*. Nuoro, 439-448.
- NOLEN, J. (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre d’Ares*. Balsa. Lisboa.
- PARREIRA, R. – BARROS, P. (2007) – Necrópoles do Algarve no 2.º e 1.º Milénio a.n.e.. *Xelb*. 7, 89-102.
- PERDIGONES, L. – MUÑOZ, A. – PISANO, G. (1990) – *La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz*. Roma.
- PEREIRA, C. (2018) – *As necrópole romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa.
- PEREIRA, I. (1997) – Santos Rocha e a Arqueologia do Algarve. In BARATA, F. – PARREIRA, R. (coords.) – *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, 45-57.
- PEREIRO, T. – MATALOTO, R. – BORGES, N. (2017) – Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole da Quinta do Estácio 6. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 303-331.
- PIMENTA, J. – SILVA, C. T. da – SOARES, J. – PEREIRA, T. R. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romanos republicanos. *Ophiussa*. 3, 45-79.
- PIMENTA, J. – MENDES, H. – SOUSA, E. de – ARRUDA, A. M. (2019) – O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. 7, 7-32.
- PINTO, C. V. – PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 147-163.
- ROCHA, A. S. (1895) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. 3. Antiguidades do Concelho de Lagos. *O Arqueólogo Português*. I, 291-296 e 327-337.
- ROCHA, A. S. (1904) – Estudo sobre um artefacto pré-romano d’ouro descoberto no Algarve. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. 2, 64-67.
- ROCHA, A. S. (1971) – *Memórias e Explorações Arqueológicas. Volume 2: Estações pré-romanas nas vizinhanças da Figueira*. Coimbra.
- ROCHA, A. S. (1975 [1896]) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim. In *Memórias e Explorações Arqueológicas. Volume 3: Memórias sobre a Antiguidade*. Coimbra, 127-141.
- ROCHA, L. (2005) – A necrópole da 1ª idade do ferro do monte da Têra, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. In CELESTINO PÉREZ, S. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coords.) – *El Período Orientalizante*. Mérida, 605-614.
- RUANO RUIZ, E. (1995a) – El collar con cuentas y colgantes de vidrio de la tumba n.º 33 de La Albufereta (Alicante). *Boletín de la Sociedad de Amigos de la Arqueología*. 35, 193-203.
- RUANO RUIZ, E. (1995b) – Cuentas policromas prerromanas decoradas con «ojos». *Espacio, Tiempo y Forma, Série II, Historia Antigua*. 8, 255-286.
- RUANO RUIZ, E. (1996) – *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Ibiza.
- RUANO RUIZ, E. (2000) – *Las cuentas de vidrio halladas en España desde la Edad del Bronce hasta el Mundo Romano*. Madrid.
- RUANO RUIZ, E. (2001a) – El vidrio antiguo (siglo VIII al IV a.C.). El Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). I. Las cuentas de vidrio procedentes del poblado del Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz. *Boletín de la Sociedad de Amigos de la Arqueología*. 41, 57-63.

- RUANO RUIZ, E. (2001b) – El vidrio antiguo (siglo VIII al IV a.C.). El Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). III. Cuentas de collar de vidrio procedentes del Túmulo 1 de la necrópolis de Las Cumbres, Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz. *Boletín de la Sociedad de Amigos de la Arqueología*. 41, 71-78.
- RUANO RUIZ, E. – HOFFMAN, P. – RINCÓN, J. M.^a (1995) – Aproximación al estudio del vidrio prerromano: los materiales procedentes de la necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). Composición química de varias cuentas de collar. *Trabajos de Prehistoria*. 52:1, 189-206.
- RUANO RUIZ, E. – MORENO NUÑO, R. – PELLÚS, P. (1996) – Los collares de La Algaida: ofrendas a un santuario gaditano. *Boletín de la Sociedad de Amigos de la Arqueología*. 36, 107-133.
- SÁNCHEZ, A. – TUÑÓN, J. A. – PARRAS, D. J. – MONTEJO, M. – LECHUGA, M. A. – CEPRIÁN, B. – SOTO, M. – LUQUE, Á. (2019) – MRS, EDXRF and GC-MS analysis for research on the ritual and funerary areas of Cerro de los Vientos (Baeza, Jaén, Spain). Native and Eastern Mediterranean influences. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 28, s/p.
- SANTOS, J. C. – BATATA, C. (2005) – Elementos orientalizantes no vale do rio Zêzere: o povoado fortificado de Nossa Senhora dos Milagres – Castelo Velho (Pedrógão Grande, Portugal). In CELESTINO PÉREZ, S. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coords.) – *El Período Orientalizante*. Mérida, 947-954.
- SANTOS, F. J. C. – ANTUNES, A. S. – DEUS, M. de – GRILO, C. (2017) – A necrópole de Palhais (Beringel, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 227-261.
- SANTOS, M.^a J. – SCHATTNER, T. (2010) – O santuário do Cabeço das Fráguas através da Arqueologia. *Iberografias*. 6, 89-108.
- SOARES, R. M. – BAPTISTA, L. – RODRIGUES, Z. (2016) – Os primeiros enterramentos sidéricos conhecidos na margem esquerda do Guadiana em território português. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, 129-141.
- SOARES, R. M. – MARTINS, A. (2013) – A necrópole da Nora Velha 2 (Ourique). Novos dados e interpretações 20 anos após a sua escavação. In ARNAUD, J. M. – MARTINS, A. – NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa, 661-669.
- SOARES, R. M. – BAPTISTA, L. – PINHEIRO, R. – OLIVEIRA, L. – RODRIGUES, Z. – VALE, N. (2017) – A necrópole da Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida, 263-303.
- SOL PLAZA, J. F. – ADROHER AUROUX, A. M. – GARCÍA GONZÁLEZ, J. – de la TORRE, I. (2018) – Objetos de vidrio en un conjunto cerrado en Iliberri (Granada) en el siglo IV aC. *Pyrenae*. 49:2, 37-60.
- SOUSA, E. de – PIMENTA, J. – MENDES, H. – ARRUDA, A. M. (2016-2017) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira-Arqueologia*. 5, 9-32.
- SPAER, M. (1985) – Some Observations on the Stratified Mediterranean Eye-Beads of the First Millennium BC. In *Annales du 10e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Amsterdão, 1-12.
- UBERTI, M. L. (1975) – I vetri. In ACQUARO, E. – MOSCATI, S. – UBERTI, M. L. – *Anedocta Tharrica*. Roma, 109-122.
- UBERTI, M. L. (1993) – *I vetri preromani del Museo Archeologico Nazionale di Cagliari*. Roma.
- VASCONCELOS, J. L. de (1919-1920) – Estudos sobre a época do ferro em Portugal. *O Archeólogo Português*. 1:XXIV, 99-107.
- VEIGA, S. P. M. E. da (2005 [1891]) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Volume 4. Faro.
- VENCLOVÀ, N. (1983) – Prehistoric eye beads in Central Europe. *Journal of Glass Studies*. 25, 11-17.
- VERDÚ PARRA, E. (2015) – *La necrópolis ibérica de L'Albufereta (Alacant). Ritos y usos funerarios en un contexto de interacción cultural*. Alicante.
- VIANA, A. – FORMOSINHO, J. – FERREIRA, O. da V. (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. 26, 113-138.
- VILAÇA, R. – ARMBRUSTER, B. (2012) – O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos, Algarve. In VILAÇA, R. – PINTO, S. (coords.) – *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz, 153-170.
- VILHENA, J. (2014) – Acupunctura em Odemira: dois séculos de Arqueologia. In PRISTA, P. (coord.) – *Atas do Colóquio Ignorância & Esquecimento*. Odemira, 53-124.

AVALIADORES OPHIUSSA (2018-2020)

Adolfo Fernández Fernández
Ahmed Mcharek
Albert Ribera i Lacomba
Álvaro Gómez Peña
Amílcar Guerra
Ana Cristina Martins
Ana Delgado Hervás
Ana Margarida Arruda
Ana Maria Niveau de Villedary y Mariñas
António Faustino Carvalho
António Carlos Valera
Carlos P. Odriozola
Carlos Pereira
Cátia Mourão
Catarina Costeira
Catarina Viegas
Corina Liesau
Elisa Garcia Prosper
Elisa Guerra Doce
Enrique García Vargas
Ernst Pernicka
Esther Rodríguez González
Francisco B. Gomes
Francisco J. Núñez
F. Germán Rodríguez Martín
Javier Jiménez Ávila
Javier Mangado Llach
Jesús Acero Pérez
João Pedro Bernardes
João Senna-Martinez
João Luís Cardoso
Joaquina Soares
José Carlos Quaresma
José Clemente Martin de la Cruz
José Ruivo
Juan Antonio Cámara Serrano
Leonardo García Sanjuán
Luís Araújo
Luís Raposo
Macarena Bustamante
Maria João Valente
Maria José de Almeida
Mariano Torres Ortiz
Mário Jorge Barroca
Marta Moreno García
Mounir Fantar
Patrícia Matos
Raquel Vilaça
Ricardo Costeira da Silva
Roberto Risch
Rodrigo Banha da Silva
Rui Gomes Coelho
Rui Martiniano
Rui Morais
Sergio Escribano Ruiz
Sérgio Gomes
Simon Davis
Tomás Cordero Ruiz
Victor S. Gonçalves

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. O volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (peer review). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira respon-

sabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo *Committee on Publication Ethics* (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.urbund.com/pt-br/>).

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peerreview process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality. The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board. The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

The megalithic clusters of Deserto and Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo, Middle Alentejo) in the building of the sacred landscapes of ancient peasant societies of the 4 th and 3 rd millennia BCE VICTOR S. GONÇALVES, MARCO ANTÓNIO ANDRADE	05
<i>From aDNA to Archaeology: Genética da transição Calcolítico-Idade do Bronze no Sul de Portugal</i> ANA CATARINA BASÍLIO	31
Foundry in the Late Bronze Age Baiões/Santa Luzia Cultural Group: some reflections starting from a new metallic mould for unifacial palstaves JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, PEDRO VALÉRIO, MARIA HELENA CASIMIRO, LUÍS M. FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, HORÁCIO PEIXOTO	51
O conjunto vítreo da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) FRANCISCO B. GOMES	71
Espacios de almacenamiento y producción de la Turdetania. Una reflexión más allá de los hornos VIOLETA MORENO MEGÍAS	117
Os três sarcófagos etruscos da coleção de Sir Francis Cook no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra) MARTA RIBEIRO, NUNO SIMÕES RODRIGUES	143
Nuevos datos para el conocimiento del <i>suburbium</i> del <i>Municipum Florentinum Iliberritanum</i> (Granada): las recientes intervenciones en el solar de Mondragones ÁNGEL RODRÍGUEZ AGUILERA, MACARENA BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, JULIA RODRÍGUEZ AGUILERA, CARMEN JÓDAR HÓDAR, JOSÉ M. GARCÍA-CONSUEGRA FLORES	163
Mapear a bibliografia. Abordagem metodológica para a gestão de dados bibliográficos NATÁLIA BOTICA, SÍLVIA MACIEL, REBECA BLANCO-ROTEA	187
Recensões bibliográficas (TEXTOS: JORGE DEL REGUERO GONZÁLEZ, LUIS MIGUEL CARRANZA PECO, MARTA BERMÚDEZ CORDERO, ÁLVARO GÓMEZ PEÑA, ANDRÉ TEXUGO)	197
Da CAALG à UNIARQ: a génese do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa no quadro do sistema científico de meados dos anos 70 a meados dos anos 90 do século XX ANDRÉ PEREIRA	216
Avaliadores <i>Ophiussa</i> (2018-2020)	246
Política editorial	247